

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA**

AGRICULTURA GUARANI

*HISTÓRIA E CULTURA AGRÍCOLA DO TEKOÁ ITANHAÉM (ALDEIA MORRO DA
PALHA), BIGUAÇU-SC*

Robson Madalosso Vieira

Florianópolis (SC) - Brasil

2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA**

Robson Madalosso Vieira

AGRICULTURA GUARANI

*HISTÓRIA E CULTURA AGRÍCOLA DO TEKOÁ ITANHAÉM (ALDEIA MORRO DA
PALHA), BIGUAÇU-SC*

Trabalho de conclusão do curso
como requisito parcial para curso de
graduação em história da
Universidade Federal de Santa
Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Sandor
Fernando Bringmann

Florianópolis (SC) - Brasil

2019

Robson Madalosso Vieira

Vieira, Robson

AGRICULTURA GUARANI : História e cultura agrícola do Tekoá Itanhaém (Aldeia Morro da palha), Biguaçu-SC / Robson Vieira ; orientador, Sandor Fernando Bringmann , 2019.

82 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. História. 2. Agricultura Tradicional Guarani. 3. Sistema Agroflorestal . 4. Desenvolvimento Sustentável . 5. História Oral . I. Fernando Bringmann , Sandor . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico Robson Madalosso Vieira, matrícula n.º 12201575, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **Agricultura Guarani: História e cultura agrícola do Tekoá Itanhaém (Aldeia Morro da Palha), Biguaçu-SC**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 12 de agosto de 2019.

Prof. Dr. Sandor Fernando Bringmann
Orientador

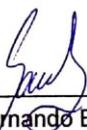


Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Graduação em História

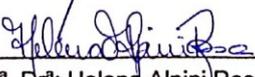
ATA DE DEFESA DE TCC

Aos cinco dias do mês de agosto do ano de dois mil e dezenove, às 08 horas e 30 minutos, na sala 10 do Departamento de História, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Prof. Dr: Sandor Fernando Bringmann (Orientador(a) e Presidente); Profª. Drª: Helena Alpini Rosa (Titular); Prof. Ms: Rosa Elisa Vilanueva (Suplente), designados pela Portaria Tcc nº 83/HST/CFH/2019, a fim de argüirem sobre o Trabalho de Conclusão de Curso do Acadêmico Robson Madalosso Vieira, intitulado: "Agricultura Guarani - História e cultura agrícola do Tekoá Itanhaém (Aldeia Morro da palha), Biguaçu-SC". Aberta a Sessão pelo(a) Senhor(a) Presidente, o Acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca as seguintes notas, Prof. Dr: Sandor Fernando Bringmann, nota 10, Profª. Drª: Helena Alpini Rosa, nota 10, Prof. Ms: Rosa Elisa Vilanueva, nota 10, sendo o acadêmico aprovado com a nota final 10. O acadêmico deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, até o dia 12 de agosto de 2019. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

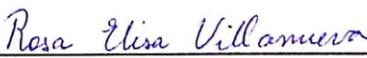
Florianópolis, 05 de agosto de 2019



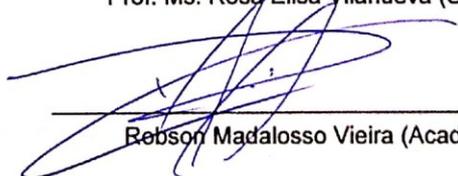
Prof. Dr: Sandor Fernando Bringmann (Orientador(a))



Profª. Drª: Helena Alpini Rosa (Titular)



Prof. Ms: Rosa Elisa Vilanueva (Suplente)



Robson Madalosso Vieira (Acadêmico)

Ofereço

Aos índios Guarani da aldeia Morro da Palha, em especial ao Sr. Niko de Oliveira Verá e família e Sr. Davi Timóteo Martins e família que desempenham o papel de lideranças de forma exemplar.

Dedico

Aos meus pais José Ildo dos Santos Vieira e Cecília Maria Vieira que me possibilitaram o estudo acadêmico, ao meu orientador Sandor Fernando Bringmann pela paciência e profissionalismo e em especial a minha esposa Gabriela Amboni Borba e a minha filha Esther Borba Vieira que me incentivam todos os dias a continuar sempre.

RESUMO

A disputa entre camponeses e indígenas é muito comum em várias partes do Brasil, pois as mesmas são consideradas potencialmente ricas para a produção de alimento em uma perspectiva de agronegócio moderno. Estas terras, no entanto, atendem geralmente a necessidades de comunidades específicas, sem a preocupação com o lucro ou com a produção de excedentes para comercialização. Portanto, busco entender um pouco mais sobre como se processa a agricultura indígena e a sua consequência dela no meio ambiente na qual está inserida. Desta forma com enfoque no Tekoá¹ Itanhaém, Aldeia Morro da Palha, localizada no município de Biguaçu, estado Santa Catarina, busco analisar se as práticas agrícolas indígenas atuais ainda utilizam das técnicas milenares repassadas por gerações através de seus ancestrais. Cabe lembrar, que estas técnicas foram capazes de garantir o sustento das comunidades Guarani ao longo dos tempos e, ao mesmo tempo, mantendo uma relação de respeito com a floresta ao entorno, mantendo-a intacta e com baixo impacto em sua diversidade florística. Por outro lado, pode-se ainda questionar se a agricultura indígena já está afastada das técnicas milenares e é incapaz de garantir o sustento da sua própria comunidade. Este estudo poderá ser relevante para entendermos melhor como a aldeia Morro da Palha se relaciona com o seu passado e se ainda buscam manter a *originalidade*² de suas práticas agrícolas. Através do entendimento se esta forma de agricultura já sofreu influência externa a tal ponto de descaracterizar por completo ou parcialmente a forma original de Guarani e se ainda é capaz de abastecer sua comunidade com alimentos, ao mesmo tempo que preserva a floresta ao seu redor. Através de relatos orais colhidos diretamente no Tekoá Itanhaém, aliado às fontes associadas a este tema, buscarei responder a esta questão e ampliar formulações teóricas sobre este assunto para o meio acadêmico. Por fim como objetivo final busco identificar pontos de convergência entre as técnicas da agricultura indígena e da SAF (Sistema Agroflorestal). Sendo assim em sintonia com as 17 metas de

¹ Segundo Noelli (1996, apud Medeiros, 2006, p.31) Tekohá ou, para os mbyá, tekoá, é a área correspondente a uma aldeia, com sua área de caça, pesca, cultivo, coleta e fontes de matérias-primas, delimitada por acidentes geográficos e explorada predominantemente pelo grupo ali instalado.

² Parto da hipótese que os Guarani ainda conservam muitos de seus hábitos tradicionais relativos à agricultura e relação com o meio ambiente. Contudo, essa hipótese pode ser confirmada ou refutada durante o trabalho de campo.

desenvolvimento sustentável das Nações Unidas, objetivo facilitar o intercâmbio de conhecimento entre as diferentes técnicas agrícolas e ajudar a difundir práticas sustentáveis de produção de alimento capazes de contribuir para erradicar a fome no mundo. Por fim, porém não menos importante, buscarei com o meu trabalho reconhecer a contribuição e o papel fundamental da agricultura indígena na criação e desenvolvimento das técnicas atuais de agrofloresta e da agricultura sintrópica.

Palavras Chaves: Agricultura Tradicional Guarani, Desenvolvimento Sustentável, História Oral

ABSTRACT

The dispute between peasants and indigenous people is very common in many parts of Brazil, as they are considered potentially rich for food production from a modern agribusiness perspective. These lands, however, generally meet the needs of specific communities without concern for profit or the production of surpluses for marketing. Therefore, I seek to understand a little more about how indigenous agriculture is processed and its consequence on the environment in which it operates. Thus focusing on Tekoá Itanhaém, Morro da Palha Village, located in the municipality of Biguaçu, Santa Catarina state, I seek to analyze if the current indigenous agricultural practices still use the millennial techniques passed on for generations through their ancestors. It is worth remembering that these techniques have been able to guarantee the Guarani communities' livelihood over time, while maintaining a respectful relationship with the surrounding forest, keeping it intact and having a low impact on its floristic diversity. On the other hand, one can also question whether indigenous agriculture is already removed from millennial techniques and unable to guarantee the sustenance of its own community. This study may be relevant to better understand how Morro da Palha village relates to its past and if they still seek to maintain the originality of its agricultural practices. By understanding whether this form of agriculture has already been influenced to such an extent that it completely or partially misrepresents the original form of Guarani and is still able to supply its community with food while preserving the surrounding forest. Through oral reports collected directly from Tekoá Itanhaém, allied to the sources associated with this theme, I will try to answer this question and expand theoretical formulations on this subject to the academic environment. Finally, the final objective is to identify points of convergence between the techniques of indigenous agriculture and SAF (Agroforestry System). In line with the United Nations' 17 sustainable development goals, it aims to facilitate the exchange of knowledge between different agricultural techniques and to help spread sustainable food production practices that can contribute to eradicating hunger in the world. Last but not least, I will endeavor with my work to recognize the contribution and fundamental role of indigenous agriculture in the creation and development of current agroforestry and syntrophic farming techniques.

Keywords: Guarani Traditional Agriculture, Sustainable Development, Oral History

LISTA DE ABREVIATURAS

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisas Agrárias

SAF - Sistema Agroflorestal

ONU - Organização das Nações Unidas

ODS - Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

ODM - Objetivos de Desenvolvimento do Milênio

MDGR - Millennium Development Goals Report

COP 21 - 21º Conferência das Partes

IFPRI - International Food Policy Research Institute

WRAP - The Waste & Resources Action Programme

GEE - Gases do Efeito Estufa

UNEP - United Nations Environment Program

TI - Terra Indígena

SPI - Serviço de Proteção aos Índios

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

DGPI - Departamento Geral do Patrimônio Indígena

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 01 - Mapa Guarani Continental..... | 35 |
| Figura 02: Vista do Tekoá Itanhaén..... | 54 |
| Figura 03: Foto da entrada do Tekoá Itanhaén..... | 55 |
| Figura 04: Espaço para plantio na lateral da casa dos avós de Verá..... | 58 |
| Figura 05: Área sendo preparada para o plantio no sistema tradicional..... | 59 |
| Figura 06: Roça piloto no modelo SAF. Local, Tekoá Itanhaén..... | 66 |
| Figura 07: No fundo filho de Verá brincando em meio a horta..... | 67 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| RESUMO | 09 |
| LISTA DE ABREVIATURAS | 11 |
| LISTA DE FIGURAS | 12 |
| INTRODUÇÃO | 13 |
| | |
| Capítulo I: Capítulo I - História Ambiental, História Indígena e Agricultura.... | 18 |
| 1.1 História Ambiental e História Indígena: aproximações conceituais..... | 18 |
| 1.2 A história da agricultura na América pré-colombiana..... | 20 |
| 1.3 Os sistemas agroflorestais..... | 24 |
| 1.4 Conceito de desenvolvimento sustentável..... | 26 |
| 1.5. Reflexões sobre a agricultura sustentável e agricultura indígena tradicional nos dias de hoje | 28 |
| | |
| Capítulo II - O Povo Guarani Em Santa Catarina: História, Territorialidade E Cultura Agrícola | 34 |
| 2.1. O povo Guarani e seu território na Mata Atlântica..... | 34 |
| 2.2. O povo Guarani em Santa Catarina: história e tradição..... | 37 |
| 2.3. Agriculturas Guarani: interpretações sobre manejo, economia e modos de produção..... | 40 |
| | |
| Capítulo III - As práticas agrícolas dos Guarani do Tekoá Itanhaén / Morro da Palha (Biguaçu): História, cosmologia, cultura, territorialidade e sua relação com o Sistema Agroflorestal. | 49 |
| 3.1. História oral: A importante contribuição das experiências dos sujeitos como fonte histórica | 50 |
| 3.2 Estudo de campo: Tekoá Itanhaén / Morro da Palha (Biguaçu SC)..... | 54 |
| 3.3 Estudo de campo: entrevistados, organização política social e liderança..... | 56 |
| 3.4 Estudo de campo: O papel dos velhos na manutenção dos saberes agrícolas..... | 58 |
| 3.5 Estudo de campo: Relações entre a agricultura tradicional e o sistema agroflorestal (SAF) na aldeia Guarani Itanhaén..... | 64 |
| | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 69 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 71 |
| ANEXO – QUESTIONÁRIOS DAS ENTREVISTA COM AS LIDERANÇAS | 75 |

INTRODUÇÃO

As razões que me incentivaram na escolha do tema agricultura indígena Guarani foram principalmente duas: a escolha pela agricultura deu-se pelo fato de que sou descendente de famílias Italianas que tiveram nas práticas agrícolas a base para seu desenvolvimento quando chegaram ao Brasil. Quanto à questão indígena, escolhi este tema pela proximidade que tenho com os povos indígenas desde minha infância.

Vivenciei já pequeno as questões que permearam as disputas por terras indígenas na região de Nonoai, noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Sempre ouvi de meus familiares que os povos indígenas não sabiam cuidar da terra tão bem quanto os descendentes de italianos. Conforme o estudo realizado por Sandor Bringmann (2017), a Terra Indígena Nonoai foi objeto de disputas entre posseiros e a comunidade indígena durante décadas, correspondendo a um processo que se inicia ainda no século XIX com a expansão colonizadora pelo estado.

A disputa entre camponeses e indígenas é muito comum em várias partes do Brasil, pois as mesmas são consideradas potencialmente ricas para a produção agrícola na perspectiva do agronegócio moderno. Estas terras, no entanto, atendem geralmente a necessidades de comunidades específicas, sem a preocupação com o lucro ou com a produção de excedentes para comercialização. Portanto, isto me motivou a buscar entender um pouco mais sobre como se processa a agricultura indígena e a sua consequência dela no meio ambiente na qual está inserida.

Esta vontade de conhecer um pouco mais os aspectos das práticas agrícolas indígenas e suas relações com o meio ambiente me levou a escolher uma área temática em específico: a agricultura tradicional dos povos GUARANI, com enfoque na comunidade Guarani de Itanhaém, Morro da Palha, localizada no município de Biguaçu, estado de Santa Catarina. Essa escolha se deve ao fato de a área ser um espaço de ocupação recente por estes indígenas, cuja área de 216 hectares foi comprada pela FUNAI em 2007. Neste local, cerca de 90% da área é ocupada pela mata atlântica (PARA-MIRIM, 2016, p.5).

Por esta intrínseca relação dos Guarani com a mata e seus seres, optei por uma análise que também desse conta da história ambiental. Por conta disso, necessitou-se aproximar os conceitos de história ambiental e história indígena.

Através de análises de artigos de história indígena onde citam relatos sobre os primeiros contatos dos GUARANI com os homens brancos, crio uma conexão com a história ambiental e através das impressões que os primeiros europeus tiveram sobre o meio ambiente em especial da Floresta, habitat dos Guarani.

De maneira objetiva, o meu trabalho busca entender as práticas da agricultura tradicional Guarani ao longo da história, tentando conectá-la ao conceito moderno de sustentabilidade e fazendo um comparativo com as técnicas SAF (Sistema Agroflorestal) o qual ganha evidência nos dias de hoje. Como base teórica, utilizei os trabalhos dos pesquisadores como Warren Dean, Clovis Antônio Brighenti, Sandor Bringmann, Jean Carlos de Andrade Medeiros, Anderson Posey, os quais são utilizados sobretudo para embasar o meu trabalho nas questões de história, cultura e agricultura indígena, com enfoque nos povos Guarani. Para as questões que permeiam história ambiental, agricultura pré-colombiana, sintropia e agrofloresta utilizei as obras de autores como Frederico Carlos Hoehne, Carolina Levis e Ernst Götsch, que serão melhor detalhados na parte do referencial teórico do meu trabalho.

Neste panorama, já no primeiro capítulo, busco identificar os elementos que aproximam a história dos primeiros Guarani e o seu habitat refletido por uma ótica de análise da história ambiental. Dando continuidade no capítulo primeiro, discorro sobre a história da agricultura no período pré-colombiano. Contrapondo a análise simplista com enfoque no colonizador, busco analisar os registros arqueológicos dos primeiros povos indígenas e o legado agrícola que estes povos deixaram mesmo antes da chegada dos primeiros europeus no continente americano.

Desta forma tento demonstrar como a agricultura indígena foi capaz de interferir e modelar o ambiente da mata atlântica, contrariando a visão de um ambiente nativo, ou seja, sem considerar a intervenção humana. Com isso apresento a perspectiva de uma floresta "construída" pelos povos indígenas muito antes da chegada do homem branco, que tinham a floresta como o campo de experimentações e de desenvolvimento de sua agricultura.

Avançando um pouco amplio a discussão sobre a história do Sistema Agroflorestal (SAF). Através dos primeiros pensadores deste sistema agrícola, busco contextualizar o termo e sua origem bem como os primeiros pensadores e precursores deste movimento que se tornou muito popular no século XXI. Avanço ainda nas discussões aproximando o SAF e a agricultura Guarani com o conceito de

desenvolvimento sustentável, tema muito relevante frente aos desafios da atualidade. Para isso discorro sobre o nascimento do termo e sua relação com a agricultura pós *Revolução Verde*. Para embasar as discussões, buscou-se evidenciar um pouco da história das conferências mundiais e as discussões entre países desenvolvidos e em desenvolvimento que culminaram nos 17 objetivos do desenvolvimento sustentável (ODS), para a busca caminhos alternativos alinhados com a expectativa de progresso sustentável do planeta.

Com objetivo de refletir sobre uma possível aproximação entre o SAF e a agricultura Guarani tradicional discorro sobre a *Revolução Verde*, um sistema de produção de alimentos ironicamente chamado assim, que menosprezava as práticas tradicionais, ao mesmo tempo que tinha como base a monocultura e o emprego intensivo de “defensores agrícolas”. Sendo assim discorro sobre os impactos deste movimento chamado de *Revolução Verde* no meio ambiente global ao qual é sentido nos dias de hoje. A busca por um sistema de produção agrícola baseado na tecnologia e ciência capaz de atender ao crescente “boom” da população mundial era uma promessa otimista no primeiro momento. De fato a produção de alimento mundial cresceu, porém, com ela cresceu os problemas relacionados ao aumento da pobreza mundial e também questões ambientais. Em contrapartida o crescimento da produção de alimentos não significou mais comida nos pratos das populações dos países pobres. *A consequências da Revolução Verde* Estão sendo sentidas nos dias de hoje com o aumento da fome no mundo e o empobrecimento da maioria das populações dos países pobres ou em desenvolvimento.

Para contrabalancear os efeitos nocivos de décadas de *Revolução Verde*, novos formatos sustentáveis de produção de alimentos emergem no cenário mundial, a exemplo do SAF. Somando a isso a valorização de saberes locais, principalmente os indígenas têm contribuído para a construção de um sistema de produção de alimentos capaz de garantir que o alimento chegue nos pratos das populações menos favorecidas. Desta forma busco analisar se as práticas agrícolas indígenas atuais ainda utilizam das técnicas milenares repassadas por gerações através de seus ancestrais. Cabe lembrar, que estas técnicas foram capazes de garantir o sustento das comunidades Guarani ao longo dos tempos e, ao mesmo tempo, mantiveram uma relação sustentável, pois deixaram a floresta ao entorno senão intacta, pelo menos com baixo impacto em sua diversidade florística. Por outro lado, pode-se ainda questionar se a agricultura indígena está afastada das

técnicas tradicionais e se hoje é incapaz de garantir de uma forma sustentável a sobrevivência de sua comunidade.

No capítulo II, discorro sobre o povo indígena escolhido por mim como objeto de estudo: Os Guarani. A princípio me dirijo aos números e aspectos gerais deste povo. Para isso contextualizo o Guarani em seu próprio território através da utilização de mapa e senso mostrando o número de indivíduos pertencentes a esta etnia nos territórios do Brasil, Paraguai, Bolívia, Argentina. Após fazer com que os leitores possam compreender o espaço geofísico do Guarani na América do Sul, busco focar no território de Santa Catarina, objetivando contextualizar a aldeia Itanhaém, Morro da Palha, no município de Biguaçu, local este escolhido para o estudo de campo.

Logo depois analiso o sistema sócio econômico e político dos Guarani a fim de entender melhor os mecanismos de funcionamento de seu sistema agrícola. Igualmente as relações hierárquicas de como a sociedade se organiza são importantes pontos de reflexão, pois são estas relações que garantem a perpetuação do modo de viver Guarani e que resulta em um saber agrícola baseado na transmissão dos saberes pela ancestralidade. Por fim trago ao conhecimento dos leitores os aspectos da cultura Guarani relacionados ao conceito de abundância e escassez presentes na forma como este povo se relaciona com a produção de alimento, contrapondo a nossa noção ocidental de produção, estocagem e comercialização do excedente produzido.

Diante disso após contextualizar o meu estudo através dos prismas da agricultura indígena e o sistema SAF, reservo o capítulo III para responder a problemática, cuja questão central é compreender se o modelo agrícola Guarani na atualidade é ainda capaz de garantir o sustento do seu povo ao mesmo tempo preservar o meio ambiente. Sendo assim, realizo a pesquisa de campo no Tekoá Itanhaém, onde pude entrevistar autoridades desta comunidade que responderam os meus principais questionamentos que motivaram a realização deste trabalho. Desta forma as perguntas foram construídas com o objetivo primeiramente de entender a origem do entrevistado e de sua aldeia bem como a visão dos processos culturais que permeiam o dia a dia de seu povo. Com isso, busco entender os desafios atuais do Tekoá Itanhaém no que tange à produção de alimento, o sustento de seu povo e manutenção sustentável de seu território.

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) foi pensado com cuidado, procurando fazer as devidas conexões entre história ambiental e história indígena, mas com profundo respeito ao modo de ser dos Guarani, respeitando as formas com que estes concebem a relação com terra e seus produtos, pela cosmologia evidenciada na sua conexão com a floresta e os seres que nela habitam. Pretendeu-se, por isso mesmo, focar a parte final nas questões relacionadas com a memória indígena e suas versões para observar as aproximações e afastamentos com o modelo sintrópico de agricultura. Espero ter conseguido alcançar o objetivo.

CAPÍTULO I - HISTÓRIA AMBIENTAL, HISTÓRIA INDÍGENA E AGRICULTURA

1.1 História Ambiental e História Indígena: aproximações conceituais

A história Ambiental e a história Indígena possuem uma íntima aproximação entre seus conceitos. Os primeiros relatos sobre os povos indígenas da América do Sul aparecem a partir do último quartel do século XVI com as cartas de Pero Vaz de Caminha e Américo Vespúcio. Segundo Vinícius Pirez (2015, p.83) o primeiro contato com os índios considerados brasileiros foram os Guarani, principalmente tupi que viviam no litoral da costa atlântica. De acordo o autor os relatos mais detalhados começam a aparecer somente a partir da década de 1550 com a chegada dos jesuítas e devido aos constantes intercâmbios comerciais estabelecidos com os países do continente europeu, mais especificamente os Portugueses e Franceses.

Estes relatos eram feitos através de cartas escritas pelos viajantes ao retornarem das suas viagens transoceânicas e tinham uma função constitutiva, ao mesmo tempo que descreviam as descobertas realizadas, descreviam também detalhes do novo território, dos povos, fauna, flora e maneiras com que estes indígenas interagem com o meio ambiente (FALCÃO, 2005. p.230). Segundo Falcão (2005.p.234), é através destas cartas, principalmente as deixadas por Américo Vespúcio, o responsável pela criação e propagação do termo *Novo Mundo* entre a cultura letrada dos países colonizadores, que os povos da América são descritos de uma forma detalhada junto com elementos do meio ambiente onde vivem. No entanto é somente no século XVII, com o advento do interesse dos colonizadores pelas Américas, é registrado o um aumento significativo das produções escritas sobre o território brasileiro, suas características naturais e seus habitantes (PIREZ, 2015.pág. 84).

Contudo é através destes relatos que podemos notar o primeiro ponto de aproximação entre os conceitos de história indígena e história ambiental. Segundo John M. Monteiro (2011, p.14), estes relatos tinham como objetivo descrever e classificar estes povos considerados *originais* junto com o meio ambiente onde estavam inseridos, ora antes desconhecidos pelos colonizadores europeus. Em seu estudo, Monteiro (2011, pág.15) cita três importantes manuscritos utilizados pelo etnógrafo e sertanista português Gabriel Soares de Souza, que na ocasião foram

apresentados a Dom Cristóvão de Moura, representante da coroa espanhola na época. Podemos notar a aproximação entre os dois conceitos mais claramente no manuscrito chamado *Memorial e Declaração das Grandezas da Bahia de Todos os Santos, de sua fertilidade e das notáveis partes que têm*, onde autor descreve a questão ambiental como a topografia, plantas, fauna em conjunto com as descrições das populações indígenas na Bahia.

Podemos notar também esta aproximação entre os diferentes conceitos em outros autores. Um famoso autor muito utilizado para estudos da história ambiental, Warren Dean, ao se referir às modificações da floresta no período pré-colombiano, afirma que quando o explorador Cristóvão Colombo fez sua primeira vistoria na costa Antilhana, a floresta, território dos povos indígenas centro-americanos, já havia sofrido incomensuráveis modificações. Estas modificações foram resultado de mais de 10 mil anos de intervenção humana no ambiente da floresta (DEAN, 1996, p..23). Segundo Dean (1996, p.24), a destruição da floresta está ligada ao avanço e desenvolvimento da espécie humana, pois segundo ele, a floresta está mal equipada para habitaros nela. Portanto, para Dean, a floresta tropical é um ambiente inóspito e pouco convidativo para o homem habitar, exceto em situações de desespero. Segundo ele, o homem habitante da floresta dá preferência em estabelecer moradia nas margens de rios, cursos d'água e descampados, longe de insetos peçonhentos e animais perigosos.

Separar as histórias ambiental e indígena tem sido uma tarefa difícil e uma das explicações pode estar na origem do termo natureza. Desta forma o termo natureza é o conjunto de coisas do mundo físico, não produzidas pelo homem e que são consideradas naturais. Sendo assim o termo indígena remete ao indivíduo que possui traços culturais, línguas e costumes próprios de um povo nativo do continente sul-americano. Portanto, para os autores as atividades produtivas, que são de subsistência para estes povos indígenas tradicionais, possuem um elo de ligação profundo e relacionamento com a natureza e seus recursos renováveis os quais mantêm o seu modo particular de vida. Sendo assim a natureza para as sociedades indígenas é o que suporta seu modo de vida e está diretamente ligado aos seus costumes e a construção de sua história. (CASTRO, 2007, Apud: SOUZA, 2015, p. 88)

Estudos mostram que as sociedades indígenas da região da Amazônia são ocupantes destas terras por milênios e para isso tiveram que criar um meio de

convívio harmônico com o meio ambiente da floresta. Segundo Posey (1987, apud SOUZA, 2015, p.89), estudos etnográficos demonstram que as sociedades indígenas tradicionais desenvolveram uma grande familiaridade com o meio ambiente da floresta ao ponto de buscar nela o suprimento de suas mais íntimas necessidades. No próximo subcapítulo discorreremos sobre os primeiros relatos e indícios da agricultura nas Américas e como este sistema proporcionou aos povos indígenas desenvolverem sua sociedade e ao mesmo tempo preservar o ecossistema da floresta.

1.2 A história da agricultura na América Pré-Colombiana

A origem da agricultura nas Américas é desconhecida, porém, registros arqueológicos demonstram que já era praticada muito antes dos primeiros colonizadores europeus que aqui chegaram. Segundo Hoehne (1937, pág.09), o desconhecimento da história agrícola dos povos indígenas deu-se muito pela falta e pelos escassos registros escritos dos colonizadores europeus, que estavam mais interessados na possibilidade de encontrar tesouros, descobrir minas e enriquecer com a mineração de ouro, prata e pedras preciosas.

Para além dos conhecidos e bastante estudados povos Incas, Maias e Astecas, na América Latina, e em especial, na América do Sul, povos como os Guarani, Desanas, Mundurucus, são exemplos de sociedades indígenas que atingiram um grande grau de sofisticação de seu sistema agrícola, sendo capazes de produzir uma quantidade grandiosa e diversificada de alimentos. Segundo Homma (2003, pág. 16), estes povos deixaram um grande legado para o mundo na área agrícola e seriam eles os responsáveis pela introdução de plantas como mandioca, cacau, batata inglesa, milho, fumo e algodão, produtos hoje espalhados pelo mundo todo. Portanto, a falta de registros escritos pelos colonizadores sobre a agricultura indígena não pode ser associada com o atraso cultural ou a falta de um sistema de produção de alimentos desenvolvidos por estes povos americanos. Para Hoehne (1937, pág.09), alguns povos americanos, a exemplo dos Incas, podiam até ser considerados muito mais avançados que os europeus em determinadas áreas, como a medicina, por exemplo.

O senso comum criado de que o meio ambiente nas Américas era intocado até os tempos do descobrimento e da colonização pelos europeus não é mais

aceita. Segundo Homma (2003, p.17), a população na bacia da Amazônia, na época do descobrimento, era algo em torno de 2 milhões de habitantes, estimativa esta que levava em conta uma densidade de 14,6 habitantes/km² nas regiões de várzea e 0,2 habitantes/km² nas regiões de terra firme. Portanto, para abrigar uma quantidade considerável de habitantes, cujos indícios de ocupação iniciam por volta de 3.000 A/C, é impossível pensar que o meio ambiente não sofreu mudanças neste período que antecede o descobrimento. Segundo Levis (2012, p.01), terrenos e muitas plantas foram domesticadas em diferentes graus para atender e sustentar estas sociedades que se estabeleceram nas américas pré-colombianas.

Os registros arqueológicos vêm completar a lacuna deixada pelos registros escritos e o estudo da *terra preta de índio* vem ajudando os arqueólogos a entender melhor o quanto o meio ambiente da floresta foi modificado por milênios antes da chegada dos primeiros europeus. Segundo evidências, estas manchas nos solos, ricas em elementos como fósforo, cálcio, magnésio, manganês e quase sempre com fragmentos de cerâmica, podem atingir extensões de 1 até 350 hectares e chegar a dois metros de profundidade. A presença deste tipo de terra carrega fortes indícios de atividade humana, sendo estes locais antigos pontos de moradia de povos indígenas. Mais do que isso, são locais onde civilizações complexas se desenvolveram, o que contrasta com a ideia de um meio ambiente "intocável" povoado por esparsas populações indígenas vivendo na idade da pedra (HECKENBERGER 2007, apud: LINS, 2015, p.38)

Encontramos na pesquisa de Dean (1996, pág. 43), dados de pesquisas indicando que foram encontrados vestígios de milho em uma área florestal de Minas Gerais datados de 3.900 anos A/C, comprovando que a agricultura já era empregada muito tempo antes da chegada dos primeiros europeus. Segundo Homma (2003, p. 16), registros arqueológicos datados de 3.500 anos mostram que o cultivo da mandioca foi uma prática comum adotada pelos Tupis na bacia da Amazônia. Para o autor, o cultivo da mandioca foi um grande avanço para estas sociedades indígenas da América e posteriormente disseminadas nos continentes africano e asiático pelos europeus. Para comprovar este argumento, indícios encontrados pela paleontóloga norte-americana Anna Curtenius Roosevelt em 1991, mostram que a mandioca já era cultivada 1.500 AC na região de Monte Alegre, PA (HOMMA, 2003, p.18).

Muitos destes povos dominavam técnicas aprimoradas de controle e produção de alimentos como os calendários agrícolas baseados em conhecimentos astrológicos e sistemas de seleção e manejo do solo assim como o plantio de diversas formas de culturas. Segundo Ribeiro & Knhiri, (1987, apud: ALVES, 2001, p.06), os índios Desanas da região da Amazônia foram exemplos deste tipo de prática agrícola baseada em conhecimentos aprimorados e técnicas especializadas de plantio. O autor afirma que as épocas de preparar o solo, derrubar árvores e abrir novos locais de plantio eram determinados pelo aparecimento de certas constelações seguindo um calendário que também levava em consideração as épocas das cheias ocasionadas pelas estações chuvosas.

Podemos também notar técnicas de produção de alimentos muito desenvolvidas entre os indígenas Mundurucus. Segundo Friel (1959, apud: ALVES, 2011, p. 07), estes povos indígenas tinham a capacidade de aplicar técnicas em suas plantações bem conhecidas e difundidas nos dias de hoje, como topografia, drenagem, granulometria, fertilidade e textura do solo. Portanto, observa-se que os Mundurucus tinham a capacidade de projetar e desenhar o local da colheita, prevendo e estimando até a quantidade desta, baseados no espaço utilizado de plantio.

O início da agricultura transformou profundamente a relação do homem com a floresta. De acordo com Dean (1996, p.30), que analisa o contexto da Mata Atlântica, para o homem se desenvolver e viver dentro da floresta, necessita, obrigatoriamente, derrubá-la. Um lugar antes utilizado esporadicamente para caça e coleta passou a se tornar o habitat permanente dos povos nativos. Dean (1996, p.44), ressalta que em determinado período, o Cerrado, até então o habitat destes homens devido à abundância de proteínas, passa a ser substituído pela floresta, pois o solo desta era mais rico para o desenvolvimento da agricultura. Para ele, o surgimento da agricultura pode ter acontecido no ato de resgatar populações de plantas silvestres de algumas formas de extinção, como queimadas controladas ou exploração ultra intensiva. Este ato de preservar as espécies transformando em mudas e transferindo para outros locais, seria o nascimento da agricultura na região da Mata Atlântica.

Diversos autores defendem que pode-se associar a agricultura indígena tradicional com o sistema agroflorestal. Segundo Alves (2001, p.15), os povos indígenas da América do Sul já utilizavam a forma de plantio alimentos combinados

com árvores a milhares de anos na região da Amazônia. Segundo o autor, os indígenas foram os responsáveis pela difusão e propagação de árvores como castanha-do-pará, cacaueteiro e diversas espécies de palmeiras conhecidas como "nativas" da floresta amazônica. Sejam sedentárias ou vivendo como nômades, sem instrução científica (nos termos definidos pelas sociedades ocidentais), estes povos tinham a habilidade de domesticar as plantas ao ponto de poderem cultivá-las sem muito esforço. Ao mesmo tempo isolavam-nas de pragas e cruzamentos prejudiciais (HOENNE, 1937, pág.21).

Reforçando este argumento, Dean cita em seu estudo que existem fortes evidências de que os povos indígenas foram responsáveis pela proteção e disseminação de árvores que forneciam valiosa fonte de nutrientes (Dean, 1996, pág.44). Segundo ele, a araucária é um exemplo da habilidade dos povos americanos pré-colombianos de domesticação de plantas para seu uso. Esta espécie de árvore foi disseminada pelos indígenas a fim de facilitar a colheita de pinhões e o uso da madeira para criar abrigos e locais de convivência.

Levis, em seu artigo "*Persistent effects of pre-Columbian plant domestication on Amazonian forest composition*", demonstram que os povos pré-colombianos desempenharam um papel crucial na transformação da floresta através do cultivo de plantas úteis, disseminação de sementes e a domesticação de espécies na maioria de frutas hoje encontradas amplamente disseminadas dentro da floresta (LEVIS, 2017, p.10). Somando a isto outras evidências arqueológicas, como as obtidas através do mapeamento das castanheiras dentro da reserva dos *Kokomas*³, na Amazônia, observa-se que estes povos já se utilizavam de elementos e técnicas agroflorestais na prática de sua agricultura. Segundo Pereira e Lescure (1994 apud: ALVES, 2001, p. 15), no cultivo de alimentos nas roças abertas nas matas, as castanheiras eram preservadas por um sistema de manejo que visava diminuir os efeitos do calor. Desta forma o autor afirma que a produção de sementes oriundas destas castanheiras manejadas em ambiente controlado era muito maior que a produção de castanhas oriundas da coleta na mata fechada.

Outros indícios marcantes da correlação entre locais de roças e a proliferação de árvores importantes como matéria prima, demonstram mais uma vez

³ As primeiras referências aos Kokama, fornecidas por exploradores e missionários nos séculos XVI e XVII, situam os seus principais assentamentos no médio e baixo rio Ucayali, afluente meridional do Amazonas peruano. (ISA, 2006)

que o sistema agroflorestral pode ter sua origem na agricultura indígena tradicional. Em estudo realizado por Balée (1988, apud, ALVES, 2001, p. 16), a relação entre a presença de palmáceas e de solo do tipo *terra preta de índio* demonstra que estas árvores, que se tornaram importantes matérias primas para os povos indígenas, tem sua concentração justamente em cima de locais onde este tipo de solo se encontra. Portanto, para Alves, este é um indício claro do manejo da roça em conjunto com o desenvolvimento de árvores, estas que são base de matéria prima muito importante para o desenvolvimento dos povos da Amazônia. No próximo subcapítulo iremos abordar sobre a história do sistema agroflorestral, sistema de produção agrícola que, como vimos neste capítulo permitiu aos povos indígenas americanos produzirem alimento de forma auto suficiente, ao mesmo tempo minimizando os impactos no meio ambiente onde desenvolveram suas civilizações.

1.3 Os sistemas agroflorestrais.

Os sistemas agroflorestrais ou SAFs, como são conhecidos, são sistemas de produção de alimentos agrícolas combinados com a produção de árvores no mesmo pedaço de terra, sendo que o objetivo principal é a produção de alimentos e não de árvores. Este sistema de agricultura é uma tentativa de imitar o funcionamento da natureza onde as espécies interagem entre si, necessitando uma das outras para poderem se desenvolver e atingir o seu pleno potencial (GOTSH, 1996, pág.3). Também podem ser formas de cultivo onde existe a mescla da produção agrícola e/ou criação de animais com o desenvolvimento de árvores a fim de aumentar a produção de plantas e animais de uma forma sustentável. Usando de processos naturais que ocorrem em um ambiente livre como o das florestas, o agricultor administra e potencializa na terra de cultivo as relações de mutualismo, cooperação e comensalismo entre as espécies (LAURA; ALVES; ALMEIDA, 2015, pág 4).

A forma de cultivo característico dos sistemas agroflorestrais já é conhecida do homem há milhares de anos, através de registros desta forma de agricultura empregados por diversos povos ao redor do planeta em tempos remotos. Segundo King, (1987 Apud: NAIR, 1989, p. 03), na Europa medieval, embora não muito popular, este tipo de produção de alimentos que combina a plantação de árvores com a produção de alimentos, foi largamente praticado na Finlândia e começou a ser praticado em algumas áreas da Alemanha.

Para Conklin (1957, apud: NAIR, 1989, p. 03), no continente asiático, mais especificamente nas Filipinas, o agricultor, ao derrubar a floresta para plantar arroz, mantinha algumas árvores que serviam para a proteção do solo da exposição excessiva dos raios solares. Além de preservar o solo da degradação, estas árvores preservadas das florestas eram partes fundamentais do sistema agrícola filipino e proviam também remédios, madeira para construção e cosméticos.

Forde (1937, apud: NAIR, 1989, p. 03), explica que no continente Africano, os propósitos variavam. Registros de práticas agrícolas na Nigéria mostram que a forma de plantar junto com árvores era visto como uma forma de economizar a energia humana, no que tange o aproveitamento do máximo do solo obtido do difícil trabalho de derrubar a densa floresta. Todavia, de acordo com o autor, as vantagens iam para além de economizar energia apenas. Para os Yorubá, a preservação das árvores em meio à plantação era também uma forma barata de manter a fertilidade natural do solo protegendo-o da degradação.

Mas é no continente americano que este tipo de agricultura ganha um destaque maior por autores da área. Segundo Wilken (1977, apud NAIR, 1989, p.03) muitas sociedades americanas utilizaram do sistema da floresta para obter os benefícios de todo o ecossistema florestal na produção de alimentos. O autor cita que na América Central, uma prática tradicional dos agricultores locais era plantar coco ou papaia mesclando uma camada com bananas ou frutas cítricas e outra camada com cacau ou café. Conforme este autor, esta forma imitaria a configuração de camadas naturais de uma floresta tropical.

Para Ernest Gotsch (1996, p. 18), algumas características do sistema agroflorestal eram empregadas no plantio do tipo Feijoal, uma técnica utilizada pelos indígenas remanescentes dos povos Maias. De acordo com Gotsch esta técnica milenar segue o mesmo princípio raiz da técnica agroflorestal, que é a sucessão de espécies com pequenas intervenções estratégicas a fim de potencializar a produção. Neste sistema, a árvore de Ceiba fornece proteção e suas folhas que caem na última metade da estação chuvosa fornecem o rico adubo para o solo onde o feijão e o milho são plantados. Desta forma, as leguminosas plantadas neste local obtêm um taxa crescimento rápido, crescendo de uma forma vigorosa e em pouco tempo ocupam todo o solo e sua rica camada de cobertura morta.

O sistema agroflorestal ganha força no final do século XIX com a divulgação pela coroa inglesa do exemplo ocorrido nas florestas de Thararrawaddy em

Myanmar. Segundo Blanford (1958, APUD: NAIR, 1989, p.04), o método chamado "taungya" foi apresentado para o governador, Sir Dietrich Brandis em 1806, que o considerou um sistema de agricultura com grande potencial para se espalhar pelas colônias inglesas. Blanford explica que o método começou a ser replicado nas colônias da África e também na Índia.

Como se pode observar, o sistema agroflorestal apresenta muitas semelhanças em diversas partes do mundo. A sua condição básica de existência é a garantia do desenvolvimento agrícola das diversas sociedades que o promovem, que podem ou não estar ligado à perspectiva da sustentabilidade. A seguir, discorreremos um pouco sobre a história do desenvolvimento sustentável e como podemos relacionar o mesmo com a agricultura indígena tradicional.

1.4 O conceito de desenvolvimento sustentável

O desenvolvimento sustentável é um novo paradigma de desenvolvimento da sociedade humana e ao mesmo tempo uma aspiração nobre e necessária. Assim sendo, nas últimas décadas, diversas empresas, vários governos e uma parcela considerável da sociedade civil estão cada vez mais engajados nos objetivos propostos para o desenvolvimento sustentável.

As 17 metas de desenvolvimento sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU) foram criadas em 2012, durante a Conferência de Desenvolvimento Sustentável no Rio de Janeiro. A conferência teve como objetivo principal produzir uma meta para lidar com questões urgentes atuais, como meio ambiente, política e economia. Os ODS, objetivos do desenvolvimento sustentável, nasceram como um aprimoramento da política dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) que, desde o ano 2000, visam erradicar a pobreza extrema e a fome no mundo, assim como prevenir doenças mortais e expandir a educação primária para todas as crianças do mundo (MDGR, 2015).

Desde então, a humanidade fez grandes progressos na luta contra a pobreza, e o objetivo de reduzir pela metade as pessoas que ganham menos de US\$ 1 por dia foi atingido em parte pelo sucesso econômico visto na Ásia e na África Subsaariana. Durante muito tempo, desde a década de 2000, os ODMs também foram responsáveis por grandes avanços em termos de fornecer acesso necessário à água e ao saneamento, reduzir a mortalidade infantil e melhorar

drasticamente a saúde materna. Além disso, também foi responsável pelo acesso das crianças a melhores condições de educação e também pelo combate ao HIV/AIDS e outros empirismos como a tuberculose e a malária (MDGR, 2015, p.20).

No entanto, a aprendizagem nestes anos de ODMs, foi muito importante para o desenvolvimento e implementação do programa de metas de desenvolvimento sustentável, embora os esforços tenham sido grandes para as metas estabelecidas em 2000, muitos países registraram apenas um resultado satisfatório, bem abaixo do resultado esperado. Os ODS nasceram para se concentrar mais urgentemente em questões que são consideradas os maiores desafios da atualidade, como igualdade de gênero, erradicação da fome no mundo, educação e saúde para todas as crianças. Como um exemplo de como os ODS estão interconectados, podemos notar que, enquanto manejamos a mudança climática de maneira sustentável, surtem efeitos automaticamente em outros segmentos, como a melhoria nas condições de igualdade de gênero e na qualidade de vida das pessoas. Como resultado deste trabalho de busca de um mundo mais sustentável através dos ODS, as próximas gerações terão acesso a novas ferramentas que poderão ajudar a garantir uma vida mais digna no futuro. (MDGR, 2015)

A consolidação dos ODS ocorreu na 21ª conferência das partes (COP 21), Conferência de Clima realizada na cidade de Paris no ano de 2015. O acordo de Paris foi um dos acordos internacionais mais bem-sucedidos da história pois foi a primeira vez que os países puderam determinar sua própria meta e trabalhar com liberdade através de suas próprias ferramentas, devendo prestar contas em 5 e 5 anos sobre os resultados obtidos. Outro avanço notado foi que a sociedade se tornou um juiz para controlar como estes países estão trabalhando em suas metas estipuladas, enquanto muitos fundos de investimento em tecnologia foram criados para ajudar os países a desenvolver suas metas (FALKNER, 2016).

Somando-se a esses acordos assinados na COP21, outros acordos como a estrutura Sendai para Redução do Risco de Desastres foram assinados e contribuíram para reforçar o compromisso de reduzir as emissões de carbono e o consequente aquecimento global, assim como os desastres decorrentes e a capacidade de lidar positivamente com as crises. Os ODS são considerados um avanço para a humanidade como um todo, assim sendo, os maiores desafios para o desenvolvimento sustentável em nossa sociedade são abordados nos 17 ODS e,

dependendo do envolvimento de todas as pessoas, podemos proporcionar à nova geração uma sociedade mais digna e um planeta melhor para viver (MDGR, 2015).

No campo da agricultura sustentável podemos notar um maior engajamento das pessoas nas metas propostas pelo programa dos 17 ODS quando notamos o interesse de diversas camadas da sociedade por alternativas mais sustentáveis no que tange a produção de alimentos. Em se tratando de agricultura sustentável, como podemos identificar se um sistema agroflorestal pode estar relacionado com a agricultura tradicional indígena e de que forma esta associação pode contribuir para o desafio do desenvolvimento sustentável no campo da agricultura? É o que tentaremos apresentar a seguir.

1.5 Reflexões sobre a agricultura sustentável e agricultura indígena tradicional nos dias de hoje

A partir do fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo sofre uma grande mudança no eixo ideológico. Os Estados Unidos assumem uma posição hegemônica baseada na cooperação entre países democráticos e com isso passam a serem representados como o grande filantropo da humanidade (XAVIER, 1994, p. 24). Para Xavier, é neste contexto de "filantropia" que a agricultura e a produção de alimentos passaram por uma grande transformação no mundo todo com a chegada da chamada "*Revolução Verde*" na década de 1950.

Portanto em meados do século XX o mundo passava por um grande desafio e precisava urgente elevar a produção de alimentos para atender ao aumento da fome e crescimento populacional. De acordo com a *International Food Policy Research Institute* (IFPRI, 2002, p.02), em resposta a este desafio, grandes fundações como a Rockefeller e Ford lideraram os investimentos para estabelecer um sistema internacional de pesquisa, transferência de conhecimento e ajuda aos países em desenvolvimento. O destino principal desses vultosos investimentos foi para pesquisa científica, maquinários, potentes fertilizantes, pesticidas e genética.

Contudo, foi neste contexto de adoção de um novo sistema de produção de alimentos baseados no uso intensivo da tecnologia e da ciência que a "*Revolução Verde*" transformou a agricultura mundial e, conseqüentemente, trouxe grandes contradições para o sistema alimentar, principalmente para os países em desenvolvimento (XAVIER, 1994, p. 24). De acordo com o autor, este foi um

momento significativo em 10.000 anos de história da agricultura. Depois da transferência das plantas entre continentes, que fora potencializada no período das grandes navegações, nenhum outro movimento na agricultura causou tanto impacto como a hibridização⁴ trazida pela "*Revolução Verde*". Concluindo sua análise, o autor cita em seu texto que a "*Revolução Verde*" alterou radicalmente as bases da economia mundial e trouxe com ela realizações importantes para o sistema alimentar, mas também trouxe grandes contradições e impactos negativos para a sociedade. Somando a isto, o estudo do IFPRI (2002, p.03) aponta que estes investimentos na modernização da agricultura foram os responsáveis por elevar a produção de alimentos a níveis nunca vistos na história, porém estes avanços trouxeram com eles questões ambientais e sociais sérias.

O aumento da produção mundial de alimentos e seu impacto para o meio ambiente é mais complexa, profunda e afeta outras partes, como a questão da mudança climática. Até meados do século XX, ninguém falava sobre a questão da mudança climática e do aquecimento global, porque não havia boas ferramentas e tecnologia para medir o impacto dos gases de efeito estufa no clima da Terra (MANDYCK & SCHULTZ, 2015: 65). De fato, o impacto dos Gases do Efeito Estufa (GEE) foi confirmado na década de 1970, depois que alguns cientistas constataram e ficaram alarmados com a degradação da camada de ozônio do planeta (ibid). Hoje fica claro que a influência humana no clima e na emissão de gases de efeito estufa são os maiores da história (MANDYCK & SCHULTZ, 2015: 66).

Apoiando o relatório do *The Waste & Resources Action Programme* (WRAP, 2013), atualmente o montante produzido de lixo pelos alimentos que não são aproveitados ao longo da cadeia de produção e distribuição tem sido associado pelo menos a 20 milhões de toneladas de emissões de gases de efeito estufa (GEE) na atmosfera e este problema pode ser considerado um grande responsável pela questão da mudança climática e do aquecimento global.

Outro problema preocupante causado o sistema de produção alimentar trazido pela "*Revolução Verde*" é que, para produzir alimento suficiente para atender a demanda crescente causada pelo crescimento populacional, os campos agrícolas

⁴ Processo que inclui modificações genéticas, químicas e mecânicas nas plantas visando o seu crescimento e acumulação, base da chamada *Revolução Verde*. (GOODMAN, SORJ e WILKINSON, 1990, pág.11).

que utilizam deste tipo de agricultura precisam de milhões de toneladas de fertilizantes para maximizar a sua produção. Segundo United Nations Environment Program (UNEP 2011, p.35) o problema da poluição através dos fertilizantes é algo recente na história. Antigamente o agricultor extraía fósforo, base dos fertilizantes modernos, de fontes naturais como fezes humanas e animais.

Com o advento da "revolução industrial" no século XVIII e o consequente "boom" da população mundial, este meio de obter fertilizante de fontes naturais não atendia mais a demanda crescente por alimentos. Obter o fósforo através de métodos antigos não era mais suficiente e os agricultores começaram a usar outra maneira de obter fertilizantes de fósforo, algumas das quais incluíam farinha de ossos, guano e rocha fosfática. Durante a "*Revolução Verde*" os investimentos em pesquisas científicas para buscar e encontrar meios de produzir fertilizantes em grande escala aumentaram vertiginosamente. Neste contexto, rochas de fósforos começaram a ser utilizadas como fertilizantes por serem mais baratas e mais eficientes do que outros métodos. (UNEP, 2011). De acordo a mesma pesquisa, hoje em dia, para produzir alimentos suficientes para alimentar a Humanidade, a indústria agrícola precisa produzir mais de 160 mil toneladas por ano de fertilizantes e outros nutrientes. Assim sendo, a agricultura tradicional pós "*Revolução Verde*" que utiliza fertilizantes a base de fósforo e outros produtos químicos em larga escala a fim de maximizar a produção de alimentos, está causando um grande problema para o meio ambiente do planeta (IFPRI, 2002)

Embora a taxa de fome e pessoas subnutridas tenha caído no mundo principalmente nos países em desenvolvimento em quase metade desde 1990, como resultado da "*Revolução Verde*", ainda há cerca de 800 milhões de pessoas em todo o mundo nessa situação (MDGR, 2015, p.08). Em estudo divulgado pelo IFPRI, podemos notar um aumento considerável na produção mundial de alimentos em algumas regiões pobres da África Oriental e nos países da América Latina devido há um alto crescimento agrícola e econômico da região (IFPRI, 2016p. 82,104). Por outro lado, este aumento não representa mais alimentos para a mesas da população menos favorecidas, as ineficiências do nosso sistema alimentar é a principal razão para este número selvagem de pessoas em situação de subnutrição conforme números apresentados no início deste capítulo. (Mandyck & Schultz, 2015p.03).

Outro grande desafio enfrentado pela humanidade no que tange a este modelo de agricultura mundial baseado no monopólio da ciência têm sido os alimentos transformados geneticamente. De acordo com Xavier (1994, p.24) a ciência no início da "*Revolução Verde*" se restringia apenas a aplicação e estudo de novas técnicas de identificação, classificação, verificação e interpretação de plantas. Porém com o advento da *biotecnologia* os cientistas estão promovendo mudanças além das técnicas de culturas e também estão promovendo mudanças no interior das plantas alterando o código genético de suas células e moléculas. Com isso o papel da ciência passa de coadjuvante para o de autor principal na cadeia produtiva de alimentos e o pequeno produtor torna-se cada vez mais refém das influências econômicas deste sistema de produção baseado no monopólio da ciência. (XAVIER, 1994, p. 24)

Somando a estes desafios apontados nos parágrafos anteriores, outro grande problema resultante de um sistema agrícola baseado na produção intensiva da *monocultura* é o desmatamento das florestas tropicais. Através disso é constatado que 30% das áreas de terra do globo terrestre são cobertas por florestas e em média 1.6 bilhões de pessoas dependem destas florestas para o desenvolvimento de suas comunidades. Somando a isto estas áreas beneficiam também as demais populações indiretamente com o fornecimento de água potável, ar limpo e com isso contribuem diretamente para minimizar os efeitos das mudanças climáticas (MDGR 2015, p.52).

Segundo NAIR (1989, p.09) o desmatamento nas regiões tropicais atingiram o pico máximo na década de 1980 e se tornou o maior problema ambiental desde 1970. Para Nair o desmatamento na década de 1980 foi 50% maior e representou 1,7 milhões de hectares de supressão de mata anualmente. Em números mais atualizados as áreas desmatadas tem decaído e o reflorestamento aumentando em alguns países e regiões. Segundo em um estudo realizado em 2016 pela UN (Nações Unidas), a quantia de perda de floresta caiu de 8.3 milhões de hectares para 5.2 milhões de hectares na década de 1990 porém o desmatamento continua com altas taxas em muitos países, especialmente os em desenvolvimento. (MDGR 2015, p.52)

Portanto o "milagre" trazido pela *Revolução Verde* resultou em muitos problemas ambientais, mas também numa profunda crise de distribuição de riquezas e conseqüente pobreza absoluta para muitos agricultores, quase na

maioria pequenos produtores. Para NAIR (1989, p. 05) a *Revolução Verde* resultou num grande empobrecimento do campo, mais em específico o pequeno produtor que foi deixado de lado neste movimento. Para ela este pequeno produtor por não estar inserido no objetivo principal do movimento, não obteve acesso aos recursos que necessitava para custear a irrigação e aplicação de pesticidas e fertilizantes em seus campos. Segundo seu estudo, 2 bilhões de pessoas vivem em países em desenvolvimento e perto de 1.3 bilhões de pessoas são membros de famílias de agricultores os quais 900 milhões tem uma receita anual menos 100 dólares. Para Nair estes pequenos agricultores vivem de uma forma de subsistência para manterem suas famílias e enfrentam problemas de subnutrição assim como doenças e mortes causadas por pouco acesso a recursos. (NAIR, 1989, p.09)

Ao mesmo tempo que estes pequenos produtores sofrem com a pressão do sistema vigente de produção de alimento eles são a chave para a contribuição de um sistema global de produção de alimentos. Sendo assim o estudo encomendado pela UN aponta que mesmo mergulhados neste contexto de fortes desigualdades e pertencentes a estes grupos vulneráveis da sociedade, os pequenos agricultores, aproximadamente 500 milhões nos países em desenvolvimento, são responsáveis pela produção de 80% de toda a produção na Ásia e África do sul do Sahara. (MDGR, 2015, p. 52)

Neste ponto, o renascimento nos tempos modernos do sistema agroflorestal de produção de alimentos se tornou uma alternativa viável para todas as camadas da sociedade que buscavam resolver as complicadas questões criadas com a “*Revolução Verde*”. Segundo NAIR (1989, pág. 05), o sistema agroflorestal, em termos práticos, é um sistema capaz de manejar simultaneamente de uma forma sustentável tanto o campo quanto a floresta. Segundo Spears (1987, apud: NAIR, 1989, p. 05), desde 1980 um programa de orientação para a preservação de florestas criado pelo Banco Mundial que têm em sua base muitos elementos do sistema agroflorestal, foi criado para assistir o produtor local, aumentando a produção ao mesmo tempo que conserva o meio ambiente.

Hoje em dia, o potencial da agrofloresta para melhorar e conservar o solo já é amplamente aceito como alternativa agrícola sustentável no meio científico. Universidades nos países desenvolvidos e em desenvolvimento possuem cursos de graduação para tratar deste assunto. Este reconhecimento é devido à compreensão de que o sistema de manejo do solo através da agrofloresta é capaz de produzir

alimentos e madeira e, ao mesmo tempo, promover a conservação, preservação e até mesmo a recuperação do meio ambiente (NAIR, 1989).

Os povos indígenas possuem seus sistemas agrícolas baseado em técnicas hoje consideradas sustentáveis, mas que por milhares de anos foram a forma com que estes povos encontraram para criar uma harmonia entre natureza e homem. Conforme estudo realizado pela Polyana Rafaela Ramos (2014) o povo Tapirapé originário da região nordeste de Mato Grosso, possui um sistema de produção de agrícola que é capaz de extrair da natureza seu sustento ao mesmo tempo buscando o menor impacto para o meio ambiente onde vivem. A exemplo disso podemos citar a notável preocupação do povo Tapirapé no manejo e cuidado com o solo. Para eles o solo é um ponto muito importante para o desenvolvimento saudável de suas plantações e do meio ambiente e ultimamente segundo a autora vêm assumindo um papel de cada vez mais importância. Segunda a autora o cuidado com o solo passado de pai para filho na cultura Tapirapé é responsável pela recuperação do solo empobrecido por décadas de manejo intensivo de campos agrícolas não indígenas dentro de seu território. (RAMOS, 2014, p. 40).

Os saberes indígenas relacionados às práticas agrícolas têm se mostrado um forte aliado na busca por soluções sustentáveis para o atual sistema agrícola da monocultura. De acordo com os autores do estudo *a relação dos indígenas com a natureza como contribuição à sustentabilidade ambiental: uma revisão da literatura (2015)*, o resultado da pesquisa aponta que existe uma forte relação entre os indígenas e a natureza. Portanto para os autores é muito relevante, no atual momento de crise do sistema agrícola tradicional que representa um risco para a segurança alimentar mundial e degradação do meio ambiente, relacionar a contribuição que as sociedades indígenas podem proporcionar para a construção de um modelo de sustentabilidade ambiental (SOUZA, 2015, P.89).

No próximo capítulo trataremos de conhecer um pouco mais afundo sobre a história dos Guarani, povo este que possui ao longo da história fortes indícios da utilização de um sistema de agricultura e produção de alimentos aliados aos preceitos atuais do desenvolvimento sustentável. Tentarei assim relacionar, elementos da agricultura Guarani com o contexto atual que vive nossa sociedade. Contexto esse que clama urgentemente por um sistema de produção de alimentos mais sustentável, ou seja, capaz de atender a crescente demanda por alimentos

causados pelo crescimento populacional, ao mesmo tempo capaz de minimizar os impactos das práticas agrícolas no meio ambiente.

2. O POVO GUARANI EM SANTA CATARINA: HISTÓRIA, TERRITORIALIDADE E CULTURA AGRÍCOLA

2.1 O povo Guarani e seu território na Mata Atlântica.

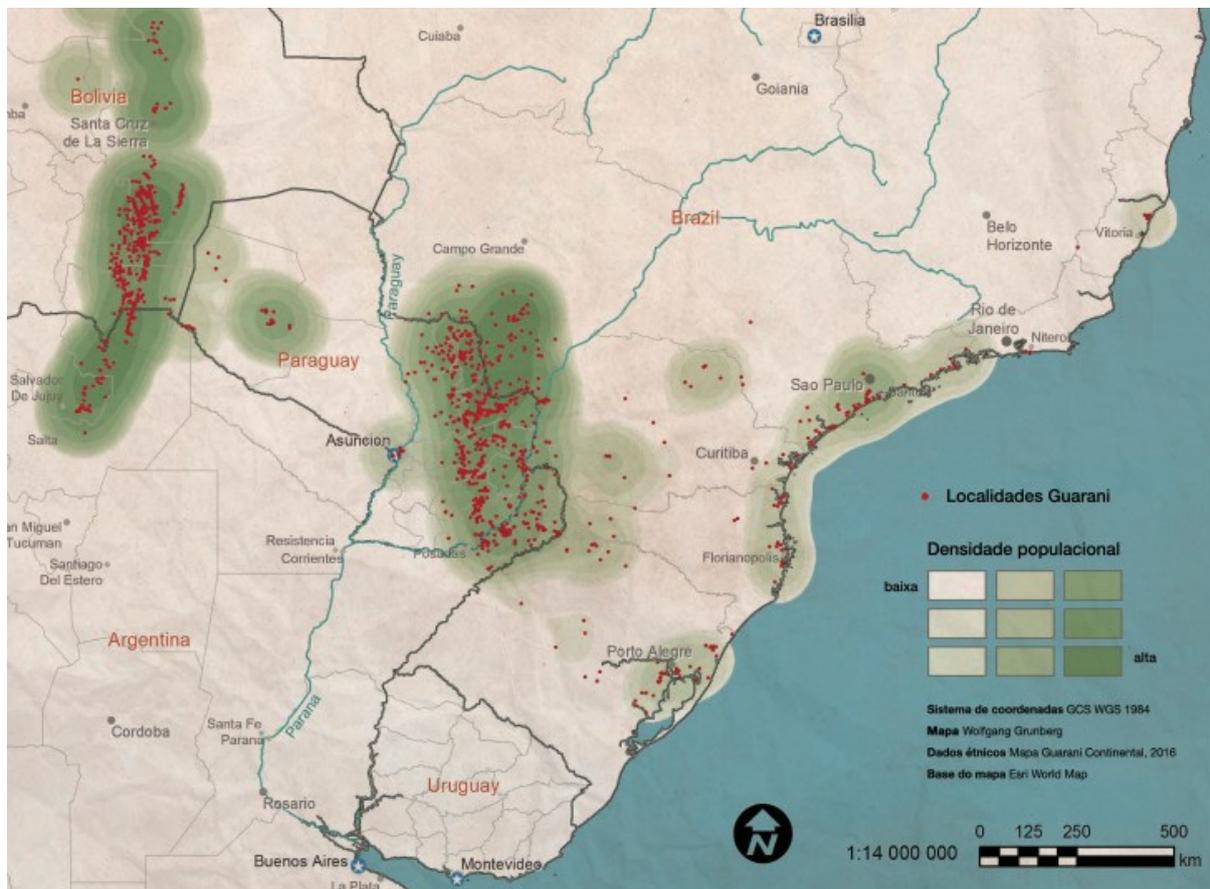
Atualmente, o povo Guarani, dentre os povos indígenas da América do Sul é o que reúne a maior população indígena do Brasil. Segundo Oliveira (2009, p.18) a população Guarani constitui o maior contingente indígena do Brasil e talvez de toda a América do Sul. De acordo com o estudo realizado por Assis e Garlet (2004, pág. 45, apud: MELLO, 2006, pág. 23), esta população ultrapassa os 65 mil habitantes. Porém dados coletados em diferentes universidades do Cone Sul apontam que a população Guarani, englobando todos os países em que estão distribuídos, ultrapassam mais de 99.900 pessoas (BRIGHENTI, 2012, pág.43). Estes números estão longe de ser consensuais, pois segundo Helena Alpini Rosa, foi constatado em uma assembleia realizada em 2007 na cidade de Porto Alegre, que a população Guarani pode chegar a 225 mil indivíduos espalhados pelo continente americano. No caso do Brasil, estariam eles concentrados em sua maioria nos litorais do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo (ROSA, 2009, p.20).

Independente da questão numérica, é possível considerar o povo Guarani um povo continental que abrange praticamente toda a América do Sul, sendo classificado em diferentes grupos. De acordo com Brighenti (2012, p.42) o povo Guarani é classificado linguisticamente de duas formas: Mbya e Nhandeva/Xiripa. Esses grupos pertencem ao mesmo tronco linguístico da família Tupi Guarani e Tupi. Este mesmo autor afirma que embora conhecidos oficialmente como GUARANI, estes povos são também reconhecidos por diferentes nomes, sendo Kaiowá no Brasil ou Pãi-Tavyterã no Paraguai; Mbya no Brasil, Uruguai e Argentina; Ava Guarani ou Xiripa no Brasil, Argentina e Paraguai; Guarani Nhandeva no Paraguai; e Aché no Paraguai (BRIGHENTI, 2012, pág.43).

Importante destacar que estes grupos se diferenciam entre si, mesmo que se reconheçam todos como Guarani. De acordo com Assis e Garlet (2004, p.38), um indivíduo do grupo Mbyá, ao mesmo tempo que se considera os autêntico Guarani,

se reconhece como Mbyá-Guarani e reconhece que os demais grupos Nhandeva e Kaiowa também são um povo Guarani. Consequentemente, os grupos Nhandeva e Kaiowá argumentam da mesma forma e reconhecem os Mbyá como um povo Guarani. O mapa a seguir auxilia a compreender a presença Guarani no contexto da América do Sul:

Figura 01 - Mapa Guarani Continental



Fonte: Mapa Guarani continental produzido pela Equipe Mapa Guarani Continental, EMGC, 2016, p.4

Os grupos Guarani descritos no parágrafo anterior estão espalhados principalmente pelos territórios do Brasil, Paraguai, Bolívia, Argentina conforme o mapa acima. De acordo com estudo de Rosa (2009), no Brasil os Guarani são divididos em 3 grandes grupos, os Mbya; Pãi-tavyterã ou Kaiowá e os Nhandeva ou Chiripa chegando num número de 50.000 indivíduos. Já no Paraguai a população estimada segundo o censo Nacional Población e Vivienda del Paraguay datado do ano de 2002 é de 53.500 indivíduos integrantes dos grupos Pãi-Tavyterã; Avá-Katú; Mbya; Ache; Guarani Ocidentais, Nhandeva. Na Argentina, a população atinge a marca de 42.073 habitantes, que por hora são divididos somente em 2 grupos, os

Mbya e os Ava Guarani. Já para a Bolívia os números quase que dobram em relação aos habitantes da Argentina, segundo estimativa da Asamblea del Pueblo Guarani, (APG), entidade que representa todas as comunidades daquele país, a população atinge a marca de 80.000 indivíduos, que estão divididos em grupo Chiriguano com cerca de 300 comunidades (ROSA, 2009, p.20).

Mensurar com exatidão o número populacional dos Guarani não é tarefa simples, conforme notamos nos diferentes dados apresentados nos parágrafos anteriores. De acordo com Assis e Garlet (2004, p.39) isto ocorre devido às resistências impostas pelos próprios indígenas que desconfiam dos interesses dos não indígenas, resquícios das experiências históricas de usurpação territorial e extermínio. Para os grupos Mbyá, contar pessoas seria reduzir indivíduos a coisa e seria também um mecanismo do não indígena para controlar os povos indígenas.

Outro problema encontrado pelos pesquisadores na hora de quantificar a população Guarani refere-se à sua mobilidade territorial. Segundo os autores, ao registrar um Mbyá em uma determinada comunidade, o mesmo indivíduo pode ser registrado novamente em outra localidade devido os movimentos migratórios constantes entre as comunidades Guarani. Além disso, outro fator que dificulta o censo destes povos é a estratégia usada de se tornar invisível à sociedade não indígena. Com isso, a exemplo dos Mbyá, acreditavam eles que esta forma de ocultamento preservaria suas identidades, o que a partir de 1988, com algumas garantias constitucionais, foi progressivamente mudando para se tornarem mais acessíveis e visíveis por nossa sociedade, a fim de obterem vantagens através dessa relação interétnicas (ASSIS E GARLET, 2004, p. 40).

É inegável, no entanto, que apesar de séculos de reduções na população Guarani devido a guerras, epidemias e processos de escravização, há fortes indícios de que existe um crescimento populacional dos Guarani em todo o território. Através de uma mudança consciente, o grupo Mbyá passou a não controlar os índices de natalidade dentro de sua comunidade. Com isso, registros históricos que tinham como padrão um casal com 2 ou 3 filhos, atualmente se têm notado um aumento para até 6 filhos por casal. Entretanto o crescimento populacional não têm se dado somente pela diminuição do controle contraceptivo. Números de censos atuais revelam que a taxa de mortalidade infantil tem caído entre os povos Guarani e isso têm influenciado positivamente para um constante aumento do número de indivíduos nas comunidades Guarani Mbyá (ASSIS E GARLET, 2004, p. 40).

O amplo território Guarani é o resultado de muitos fatores culturais que permeiam todo o modo de vida deste povo. Segundo Darella (2002, p.92), o território Guarani é fruto de experiências, criação, memória, conhecimento e reconhecimento, palavra, sentimento e movimento aos quais traduzem o modo de vida desses povos em seu vasto território. Através das trocas culturais entre os núcleos familiares que acontecem constantemente por meio do intercâmbio cultural, o território não pode ser considerado estático e sim em plena transformação.

Deste modo, este território em movimento reflete a forma dinâmica com que este povo mantém sua vivência dentro do espaço/tempo, sendo o território fruto de uma ampla troca cultural, religiosa e econômica entre os diversos núcleos familiares que compõem o vasto domínio Guarani. Ainda sobre a compreensão de território por parte dos Guarani, Leonardo da Silva Gonçalves, citado por Darella (apud: DARELLA, 2002, p.93), afirma que para este povo a compreensão de limite territorial/fronteira é onde inicia o oceano, sendo assim toda a terra é de domínio de todos os povos. Com isso o mar é a fronteira entre a terra sem mal, o qual simboliza a transcendência e vida eterna fazendo com que os Guarani o temam, mas ao mesmo tempo queiram morar próximo, para que possam de suas aldeias visualizarem o mar (CADOGAN, 1992, p. 130 apud DARELLA, 2002, p.93).

2.2 O povo Guarani em Santa Catarina: história e tradição

Dentre os povos indígenas da América do Sul, os Guarani são os que possuem uma das mais documentadas histórias e registros feitos pelos colonizadores europeus. Na região sul do Brasil, o registro histórico da presença do povo Guarani, no que hoje conhecemos por estado de Santa Catarina, possui mais de 900 anos, quando este povo atingira seu apogeu como civilização (BRIGHENTI, 2012, p. 42). Segundo Brighenti (2012, p.43), os primeiros registros arqueológicos deste povo são encontrados na Ilha de Santa Catarina, originários da época em que os Guarani ainda eram conhecidos como Carijó. Conforme Dorothea Darella, os sítios arqueológicos encontrados indicam a reprodução de um estilo tecnológico padrão, o que leva a concluir que um mesmo povo com costumes similares ali estava presentes no passado. Portanto, os Guarani já ocupavam este território bem antes dos primeiros europeus fundarem suas primeiras colônias na América do Sul. Como indicam estudos arqueológicos realizados por equipes de arqueólogos em

Santa Catarina, o povo Guarani foi o grupo que sucedeu os grupos relacionados aos sambaquis e aos pertencentes à tradição Itararé, povos estes responsáveis pela última onda migratória antes da chegada dos colonizadores (DARELLA, 2004, p.80).

O etnônimo Guarani aparece em terras catarinenses pela primeira vez em 1504, através do relato do navegador Binot Paulmier de Gonneville quando este chegou ao território onde hoje se encontra o município de São Francisco do Sul (OLIVEIRA, 2009, p.17). Relatos de personagens históricos como Binot Paulmier de Gonneville em 1504, Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca em 1541, trazem importantes informações a respeito da localização espacial do território das aldeias, bem como a nomenclatura delas, o modo de vida dos integrantes deste povo, demografia e inclusive trazendo dados técnicos sobre o meio ambiente. Darella considera que estes personagens históricos são responsáveis pelos primeiros relatos sobre os Guarani no que hoje se conhece como estado de Santa Catarina. Seus relatos são considerados "registros etnográficos", pois conseguiram documentar através de vivências imersas com os Guarani, a grandeza da cultura e do vasto território que compreendia este povo indígena milenar da América do Sul (DARELLA, 2004, p.81).

Com o aumento da pressão exercida pelos interesses dos colonizadores, os Guarani passaram a adotar a estratégia de isolamento e migraram para regiões mais afastadas do litoral. Segundo Darella (2002, p.81) através de relatos feitos por Hans Staden no século XVI observa-se que os índios originários da Ilha de Santa Catarina e da área continental abandonaram este território e migraram rumo à região Oeste e que no ano de 1612 a ilha já estava completamente abandonada pelos Guarani. Em virtude disso, estas populações que habitavam a Ilha de Santa Catarina migraram ainda para outras regiões, como Laguna, fugindo dos maus tratos dos colonizadores. Rosa afirma que estes movimentos de peregrinação do povo Guarani estão atrelados especialmente aos ambientes hostis, embates com outros grupos inimigos e com os colonizadores. Porém, as migrações possuem também uma perspectiva ecológica de ocupação da Terra. Conclui a autora que o fator determinante para os movimentos migratórios é a busca da "terra boa", uma terra não usada pelo homem e que possibilita o plantio de alimentos e a colheita de frutos proporcionando o auto-sustento do grupo (ROSA, 2009, p.27).

Atualmente em Santa Catarina vivem aproximadamente 1.250 indivíduos divididos em dois grupos: Nhandeva e Mbya. Segundo Rosa (2009, p.21) esta população está distribuída em 20 aldeias, que estão concentradas no interior e no

litoral do estado. Muitos Guarani estabeleceram-se na região Centro-Sul de Santa Catarina, mais precisamente na região do Morro dos Cavalos, município de Palhoça, que se tornou assim um importante ponto de referência dos grupos Guarani em todo o território brasileiro e para além de suas fronteiras. Muitos vestígios arqueológicos reveladores da presença Guarani nesta região foram trazidos à tona em decorrência das obras de construção da BR-101. Somando-se a isso, registros do “*Atlas da evolução dos remanescentes florestais e ecossistemas associados no domínio da Mata Atlântica no período 1990-1995*”, sugerem que toda a região que engloba os municípios de Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz e Paulo Lopez poderiam ser território Guarani desde muito tempo, devido ao alto índice de preservação da mata atlântica até os dias de hoje.

Além disso, a região do Morro dos Cavalos também foi um polo integrador de grupos Guarani provenientes do Paraguai, Misiones/Argentina, Rio Grande do Sul, Paraná e interior de Santa Catarina. De acordo com evidências de relatos e registros arqueológicos estes grupos provenientes de locais longínquos viveram períodos acampados neste local onde praticavam pesca, caça, agricultura e posteriormente continuavam suas migrações no sentido Norte/Sul (DARELLA, 2002, p.84). Outra localidade importante para os Guarani é a aldeia de Massiambu. Segundo dados mais atuais esta aldeia, a qual está localizada no lado oposto da aldeia Morro dos Cavalos, pertence a este importante território Guarani do passado e atualmente nela vivem 34 indivíduos distribuídos em seis famílias (ROSA, 2009, p.22).

Os povos Guarani continuam presentes em muitos territórios do estado de Santa Catarina até nos dias de hoje. Em estudo recente intitulado “*Aldeias Guarani no Litoral de Santa Catarina*” a antropóloga Maria Inês Ladeira criou um relatório onde retrata a presença Guarani na região litorânea de Santa Catarina. Através de um documento contendo um material vasto de fotos, mapas, genealogias, memoriais descritivos apresenta as ocupações entre Araquari a Palhoça, englobando as cidades de Rio do Meio e Pinheiro (Itajaí), Brusque (Guabiruba), Morro dos Cavalos (Palhoça) e Mbiguaçu (Biguaçu). Apresenta também locais desocupados como Corveta (Araquari), Barra do Sul (atualmente Balneário Barra do Sul) e Iperoba e Reta (São Francisco do Sul) (DARELLA, 2002, p.85).

Em Santa Catarina, estudos realizados no período de 1991 a 2003 sugerem em torno de 70 locais de ocupação Guarani através de evidências

arqueológicas, municípios com sítios e os casos recentes de ocupações (DARELLA, 2002, p. 88). Através de um relatório encomendado pelo museu da UFSC em 1996, Ladeira colaborou para demarcação oficial das áreas do Morro dos Cavalos e MBiguaçu. Desta forma foi através do decreto 1775/1996, que possibilitou as Terras Indígenas (TI) em geral, e não somente dos Guarani, serem administravelmente demarcadas, sendo assim reconhecidas oficialmente pelo estado brasileiro como Terras historicamente pertencentes aos povos indígenas.

Segundo Darella (2002, p.91) os registros apontam para um aumento gradativo da ocupação do litoral de Santa Catarina que, segundo ela, são motivados principalmente por:

- Visitas de outros povos Guarani em busca de informações de parentes;
- Evitar a pressão e o contato com o não-índio em outros locais;
- Busca por áreas próximas ao mar na tentativa de interpretação de visões oníricas;
- Crescimento do índice de natalidade e conseqüente crescimento populacional;
- Reconhecimento das áreas litorâneas como locais dos primeiros antepassados e o retorno a este local antes partes do seu domínio que possuem evidências de um passado de forte presença do povo Guarani;
- Aumento das reivindicações dos territórios demarcados onde constam projetos como o gasoduto Bolívia-Brasil, duplicação da BR-101 e o parque estadual da Serra do Tabuleiro.
- A inexistência de ocupação de outros povos como os Kaingang e Xokleng;
- Locais com maior apoio de órgãos e instituições governamentais na luta pelos direitos destes povos.

Além destas motivações para as ocupações Guarani do litoral de Santa Catarina podemos destacar ainda suas concepções cosmológicas. Através de cantos os povos Guarani explicam a sua cosmovisão a respeito do significado do mar e está atribuído a criação e divindade. Segundo Darella (2002, p.95) estes cantos-reza trazem o mar associado à imortalidade e viver nestes locais significam a possibilidade de transcendência da condição humana. Portanto segundo a autora, é no litoral, próximo ao mar, o local ideal para o exercício da vivência do *ñande reko* (“nosso sistema”, nosso modo de viver), através do qual o indivíduo está mais próximo de atingir leveza, plenitude, perfeição, virtuosidade, perfeição, imortalidade e indestrutibilidade.

2.3 Agricultura Guarani: interpretações sobre manejo, economia e modos de produção

Para entendermos o modelo agrícola tradicional Guarani, primeiramente precisamos compreender como se processa o modo de produção e distribuição de alimentos orientados por um modo econômico de uma sociedade parental. Segundo José Otávio Catafesto de Souza (2002, p.223) a produção agrícola Guarani utiliza de uma tecnologia simples e de uma divisão de trabalho descomplicada. De acordo com o autor, este modelo de economia adotado pelos Guarani é encontrado em sociedades parentais, que possuem como característica principal a relativa liberdade na utilização dos recursos de produção, assim como as trocas comprometidas com a redistribuição dos alimentos produzidos. Além disso, o grupo familiar desempenha um papel central como unidade de produção e consumo, funcionando de forma autônoma dentro de um conjunto social mais amplo.

Neste sentido, o grupo familiar surge como um grupo de interesse que busca atender às suas necessidades próprias, fazendo com que os membros deste grupo mobilizem suas tarefas para atender a este propósito. Para Souza (2002, p.223) esta forma de economia parental característica de sociedades ditas primitivas, torna estes núcleos familiares independentes em relação aos níveis mais abrangentes da sociedade como um todo, fazendo com que tenham liberdade para tomar decisões no que tange a produção, consumo e distribuição dos alimentos produzidos.

Embora a economia dos povos Guarani tenha uma característica baseada no conceito de produção e consumo de alimentos voltados somente para o núcleo familiar, podemos notar que em algumas circunstâncias, isso poderia ser diferente. Segundo Souza (2002, p. 226) o sistema econômico Guarani podia tornar-se característico aldeão ou tribal em áreas ecologicamente favoráveis, ou seja, onde estes núcleos familiares tiveram a possibilidade de ter uma maior capacidade de produção agrícola. Esse sistema permitia trocas e o compartilhamento de “excedentes de produção” com outros núcleos familiares. O autor explica que em tais circunstâncias de elevada capacidade de produção de alimentos acima das necessidades de consumo do núcleo familiar, possibilitou-se que grupos familiares se integrassem em um sistema tribal onde a produção, distribuição e consumo era

compartilhado, servindo de incentivo para manter o crescimento da produção de alimentos.

Embora haja fortes indícios de que grandes famílias Guarani possuíam um sistema econômico tribal, esta teoria é parcialmente aceita. Embora para Souza (2002, p. 227) a produção e o consumo ao nível aldeão era uma possibilidade real, ela só se realizava em circunstâncias especiais. Com isso apesar de haver registros de interações entre grandes núcleos familiares, a base da economia Guarani girava primeiramente na produção para atender as demandas do núcleo familiar e não no compartilhamento com outros núcleos distantes.

Portanto, na sociedade Guarani, a unidade familiar detinha todo o processo de produção de alimentos, sendo o matrimônio o responsável por consolidar o grupo econômico responsável pela subsistência dos membros desta família. Com isso a divisão do trabalho era dada da seguinte forma: a figura masculina ficava responsável pela caça e a pesca e a mulher desempenhava o papel de cultivo da terra, sendo o ambiente da floresta o local onde estes personagens atuavam (SOUZA, 2002, p. 228). Segundo o autor, em um contexto geral, esta divisão do trabalho na sociedade Guarani mantém-se inalterada até nos dias de hoje.

De acordo com relatos do padre Sánchez Labrador, nos tempos coloniais, a figura feminina desempenhava o papel de plantio, colheita e o preparo de refeições. Deste modo, a divisão do trabalho no núcleo familiar dava-se da seguinte forma: as meninas até 8 anos buscavam água e cuidavam dos irmãos menores e os meninos trabalhavam na roça e traziam os alimentos provenientes dela. Já maiores, os meninos a partir de 8 anos eram ensinados nas técnicas de caça, coleta de mel e produção dos seus próprios artefatos e já possuíam sua própria roça. Deste modo, com 12 anos estes meninos já alcançavam certa independência e com 15 ou 16 anos já estavam morando com o sogro e trabalhando na roça dele. Já para as meninas, o autor afirma que assim que atingem certa idade elas são encaminhadas para um tipo de escola de aprendizagem de afazeres domésticos, que na maioria das vezes são ministradas pelas avós. Com isso elas são preparadas para formarem a base do novo núcleo econômico familiar constituído pelo matrimônio (SOUZA, 2002, p.228).

Na organização hierárquica familiar dos Guarani, a figura paterna desempenha um papel chave na manutenção das tradições culturais desta sociedade, inclusive no campo da produção de alimentos. Segundo Souza (2002, p.

229) a figura do homem na sociedade Guarani é responsável por organizar a economia do núcleo familiar. Através disto podemos elencar algumas das principais atividades sob responsabilidade do homem, sendo muitas delas relacionadas com a produção de alimentos, são elas: organizar tarefas coletivas na forma de mutirão para a busca de materiais para construção de habitações coletivas, coordenar o trabalho masculino de derrubada de áreas florestais com o objetivo tanto para a construção de novas habitações ou para a ampliação dos espaços de roça para o cultivo de alimentos, liberar expedições de caça e também liderar o grupo em incursões contra o inimigo em tempos de guerras.

Além do mais, um sistema baseado em uma organização socioeconômica regida pelos laços de parentesco gerava vantagens para os Guarani, inclusive em seu sistema de produção de alimentos. Para Souza (2002, p. 231), este sistema de organização socioeconômica facilitava as alianças externas, dinamizava as trocas e cooperações entre os grupos, equilibrava a distribuição de território, capacitava a coordenação de migrações coletivas e por fim viabilizava um contingente considerável de guerreiros. Segundo o autor, as vantagens de uma aglomeração habitacional no campo de produção de alimentos são notadamente evidenciadas em alguns *Tekoha*⁵ como o de Proto Carlos situado no Paraguai Oriental. Para ele este contingente de aglomerados multi linhagens permitiu uma grande e vasta organização cooperativa de trabalho o que resultou na exploração de uma extensa área de roçado, tornando possível uma produção de excedentes.

O trabalho em comunhão é característica histórica dos povos Guarani e que até hoje é notado em suas tradições. Para Souza (1990, apud SOUZA, 2002, p. 231) antes da chegada dos primeiros jesuítas no século XVI, os Guarani já possuíam o trabalho comunal como característica primordial de seu povo, o qual através de relatos de jesuítas da província do Paraguai, alegavam que eles tinham mais facilidade de engajamento em trabalhos promovidos por eles que utilizavam deste dispositivo de cooperação entre os envolvidos. Portanto, esta forma coletiva de cooperação econômica na sociedade Guarani pode ser notada também na produção agrícola. Conforme Souza (2002, p.232), as práticas de roças coletivas, a instituição de um núcleo familiar como unidade de produção e consumo, a posse

⁵ 2 A palavra Tekoha tem origem de “teko´a”, onde o termo “teko” significa “ modo de ser” a qual têm uma equivalência no nosso vocabulário com a palavra “cultura” . O tekoha seria o local onde o Guarani pode repetir suas tradições de seus antepassados. (ARAUJO DE SOUZA, ADELITA & VICTAL, JANE & BEL, JOAQUIM, 2016, p. 03)

coletiva de área de caça e de produção de alimentos, a realização de caças e pescas coletivas e a ausência quase que por completa de um comércio entre os grupos familiares contribuíram para que o sistema econômico Guarani fornecesse o subsídio necessário para o desenvolvimento de sua sociedade.

É notável também para outros autores que a agricultura do povo Guarani desempenha um importante papel na construção histórica de sua sociedade. Segundo Brighenti (2012, p. 44) os Guarani não podem ser considerados nômades que viviam basicamente da caça, coleta e pesca. Para o autor este povo indígena se destacava por sua eficácia em explorar a agricultura dentro da selva, onde administravam a derrubada de árvores, queimada e no local plantavam milho, mandioca e outras tantas culturas.

Podemos deduzir que os povos indígenas oriundos da região amazônica, foram os responsáveis por grande parte das inovações tecnológicas e agroflorestais pré-colombianas criadas dentro da própria floresta (OLIVEIRA, 2009, p.43). Também podemos deduzir que os Guarani pré-coloniais possuíam uma organização econômica baseada em uma modalidade de existência adaptada à vida dentro da floresta tropical, estando assim sua ancestralidade conectada de alguma forma com a ecologia amazônica (SOUZA, 2002, p.225).

Outra característica marcante da agricultura tradicional Guarani que utiliza elementos do sistema agroflorestal é a produção de alimentos ao mesmo tempo que preserva o meio ambiente da floresta, mais especificamente a manutenção e preservação da cobertura vegetal. Segundo Darella (2004, p. 83) através de uma análise da evolução histórica das formações florestais de Santa Catarina e do estado do Paraná, podemos notar que existe uma manutenção dos índices de coberturas florestais no período que compreende os anos de 1500 a 1912. Podemos concluir através destes dados, mesmo que de forma indireta, que o sistema tradicional agrícola Guarani foi capaz de fornecer alimentos para o desenvolvimento do seu povo e, ao mesmo tempo, foi capaz de manter e preservar a cobertura florestal nestes locais durante este período.

Devido às pressões exercidas pelos colonizadores, os GUARANI passam a se refugiarem cada vez mais no ambiente da mata atlântica e dele extraírem suas matérias primas. Portanto esta pressão originada pelos contatos/convivências e conflitos com os colonizadores europeus e seus descendentes, resultou em grandes períodos de colonização, escravização, catequização, epidemias, mortes e inclusive

a modificação do meio ambiente onde viviam os Guarani. Em virtude disso estes indígenas tiveram que se adaptar ao ambiente da mata atlântica e para isto desenvolveram um sistema de manejo agroflorestal para suprir as necessidades de seu povo (DARELLA, 2004, p.82).

O contato com os povos colonizadores trouxe alguma interferência direta na tradição Guarani. Segundo Souza, a aculturação econômica promovida por este prolongado contato tem provocado um abandono gradativo da forma tradicional de produção doméstico baseado no núcleo da grande família. Este contato com o sistema competitivo e individualista do mundo ocidental tem obrigado os Guarani a substituir em um curto ou médio prazo o seu sistema tradicional baseado na coletividade e isto tem ocasionado o abandono de noções sustentáveis intrínsecas na cultura deste povo. Portanto a crescente individualização da economia está substituindo o núcleo familiar e coletivo de produção e consumo pelo o conceito moderno do indivíduo como responsável pela economia. (SOUZA, 2002, p.233)

Podemos notar a diferença entre o sistema tradicional Guarani com o sistema competitivo e individualista ocidental na forma como os Guarani organizam a sua força de trabalho. Para Souza (2002, p. 233) a noção de rico e pobre não é conhecida na cultura tradicional Guarani que é baseada no conceito de coletividade. Segundo o autor o exemplo dessa forma de organização é quando uma família que têm uma capacidade reduzida de produção de alimento não é considerada “pobre”. De acordo com as estratégias de reciprocidade, o resultado da produção de alimentos na comunidade é dividido entre os membros de forma equilibrada, não levando em consideração a capacidade individual ou do núcleo familiar de produção.

Existem vertentes teóricas que consideram que uma das principais consequências do sistema econômico familiar de produção de alimentos é a alta taxa de dispersão da sua população, o que ocasionaria a baixa densidade populacional das aldeias GUARANI. A causa principal seria a precariedade das técnicas e tecnologias empregadas nas roças por estes cultivadores, que não sustentaria uma alta densidade populacional devido a falta de disponibilidade de alimentos. Segundo Souza (2002, p.235) muitas destas análises são superficiais pois outras evidências levantadas por estudos etnográficos na Amazônia mostram que esta visão é parcial, pois não considera outros elementos políticos, sociais e econômicos contribuintes para a baixa densidade populacional nas aldeias Guarani.

Para Souza (2002, p, 236), os fracos laços políticos sustentados por um sistema de cacicado e um sistema econômico limitado no âmbito familiar que restringiam os objetivos materiais da sociedade, foram importantes influenciadores desta baixa densidade populacional encontrada nas aldeias Guarani.

Podemos notar que nestas sociedades cultivadoras de floresta, a exemplo dos Guarani, o funcionamento das engrenagens sociais limita a utilização de todo o potencial de produção que o ambiente fornece. Desta forma, a mão de obra disponível não é plenamente utilizada. Sendo assim, os recursos naturais deixam de ser explorados amplamente por estas sociedades cultivadoras da floresta. Portanto, uma ideia modesta de “satisfação” é o que movimenta a produção de alimentos fazendo com que os integrantes das comunidades Guarani tenham suas necessidades materiais atendidas mesmo se os índices de produção forem baixos. Do mesmo modo, a produção é baixa porque é direcionada exclusivamente para atender as necessidades da própria comunidade, embora em alguns casos seja constatado o excedente. Por fim o sistema familiar que rege as relações socioeconômicas dos Guarani não está preparado e organizado para lidar com o excedente devido ao limitante que a estrutura econômica de produção para o consumo impõe para além dela mesma, a não ser se existe um destino externo para o excedente criado, característica marcante nos modelos econômicos europeus (SOUZA, 2002, p.236).

Embora o sistema econômico Guarani não contemplasse a produção de alimentos e estocagem do excedente, isso não significa que seu sistema agrícola seja ineficiente, gerando escassez. Segundo constam alguns relatos feitos por jesuítas do período colonial, os Guarani eram reconhecidos como “imprevidentes” pelo fato de que elevadas produções de alimentos eram consumidas em um período curto de espaço ao mesmo tempo que existia uma escassez elevada em outros períodos contrastando com o esbanjamento notado pelos jesuítas. (SOUZA, 2002, p. 239). Sendo assim podemos notar que esta ideia de “esbanjamento” está ligada a questões que avançam além de uma análise simplesmente econômica de uma não preocupação ou até “ignorância” dos preceitos básicos de economia.

Uma análise superficial do complexo sistema econômico dos Guarani levou a prejuízos clássicos na história deste povo. De acordo com Souza (2002, p. 237), por desconhecimento das complexas engrenagens deste sistema econômico vigente nas sociedades Guarani, a bibliografia primária e secundária muitas vezes

classifica os Guarani como “imprevidentes” e, algumas vezes, como um tanto descuidados com o aspecto econômico de sua sociedade. Através deste desconhecimento gerado por uma série de julgamentos baseados na incompreensão do outro, a sociedade Guarani foi rotulada como “atrasada” e muitas vezes chegando ao absurdo de o próprio Guarani adulto sendo comparado com uma criança europeia de 8 anos, pois não estavam fixados no passado ou no futuro e preferiam viver intensamente o presente. Adicionando a isto, muitas avaliações parciais ainda têm sido reproduzidas nos dias de hoje em pleno século XXI, o que na visão do autor é algo inadmissível tendo em vista as novas evidências apresentadas em estudos recentes sobre estas sociedades (FURLONG, 1962, p.397, Apud, SOUZA, 2002, p.237).

Para entender como se processa o sistema político-econômico dos Guarani faz-se necessário entender que se trata de um processo descentralizado, baseado na independência entre os núcleos familiares. Souza (2002, p.234) explica que nada na cadeia produtiva dos grupos familiares Guarani justificava a necessidade de integração com outros núcleos familiares pois isso significava a perda da autonomia econômica do núcleo o que só se consumaria caso houvesse um acordo entre as partes. Portanto para entender como se processa a organização social econômica e política dos Guarani faz-se necessário entender que os conceitos de liberdade e autonomia são fundamentos bases de todo o sistema e não podem ser compreendidos como uma incapacidade de organização mais complexas.

Segundo Shaden (1974, p.183, apud Souza, 2002, p. 238), um fator decisivo para que a sociedade Guarani não tenha interesse em desenvolver a produtividade econômica para limites além das necessidades do núcleo familiar pode ser entendida pelo não prestígio do indivíduo frente à sua posse de bens materiais como destaque social. Para o autor, esta seria a causa principal do Guarani trabalhar irregularmente sem planejar suas economias, o que gera uma dificuldade de lidar com os mecanismos do dinheiro. Além disso, diversos etnógrafos concluíram em suas pesquisas que esta forma de organização político-econômica resultou em uma vida sem preocupações demasiadas para acúmulo de bens e excesso de trabalho. Portanto, o trabalho para o Guarani significa uma comunhão, solidariedade e cooperação entre os membros da comunidade, abrindo espaço para o desenvolvimento de conhecimentos no que tange à vida e ao destino

sobrenatural do devir, resultando no desenvolvimento da religiosidade (SOUZA, 2002, p.239).

Ainda sobre as características dos modos de produção agrícola Guarani, Souza (2002, p.242) explica que em tempos de penúria, os Guarani não se desesperavam pois acreditavam que os ciclos de abundância e escassez são movimentos da natureza e embora sejam conceitos opostos, são complementares e um sucederá o outro conforme sempre ocorreu na história humana. Com isso, dizer que há uma ausência de um sistema de estocagem de excedente não significa dizer que os Guarani vivem um regime de escassez. Contrariando esta afirmação, a sociedade Guarani deveria ser considerada uma sociedade de grande abundância, pois é capaz de satisfazer plenamente suas necessidades básicas sem grandes esforços e muitas vezes gerando até excedentes de produção que eram consumidos em grandes festividades (SOUZA, 2002, p.245).

Portanto, conforme as referências citadas neste capítulo, embora o sistema Guarani não utilize todo o potencial da mão de obra e matéria prima disponível no meio ambiente e não seja capaz de armazenar o excedente produzido, há fortes indícios que o sistema agrícola tradicional dos Guarani se relaciona com alguns conceitos modernos de sustentabilidade. De acordo com o estudo de Souza (2002, p.249), os Guarani criaram um modelo econômico mais igualitário que favorece o trabalho em comunidade e promove a solidariedade entre os integrantes da sua comunidade.

No próximo capítulo buscarei entender, a partir de um estudo de caso realizado no Tekoá Itanhaém, Aldeia Morro da Palha, município de Biguaçu (SC), se séculos de contato com o modelo de agricultura que vigora amplamente na sociedade do homem branco, interferiu no modelo tradicional de agricultura Guarani ao ponto de descaracterizá-lo parcialmente ou totalmente. Com isso tentarei responder se o modelo tradicional Guarani atual ainda é capaz de suprir as necessidades básicas de sua comunidade ao mesmo tempo que promove a conservação do meio ambiente.

CAPÍTULO 3 - AS PRÁTICAS AGRÍCOLAS DOS GUARANI DO TEKOÁ ITANHAÉM / MORRO DA PALHA (BIGUAÇU): HISTÓRIA, COSMOLOGIA, CULTURA, TERRITORIALIDADE E SUA RELAÇÃO COM O SISTEMA AGROFLORESTAL.

Buscarei neste capítulo entender como os Guarani da aldeia Morro da Palha se relacionam com a agricultura e de que forma isso influencia sua vivência em comunidade. Analisarei também aspectos de sua história, bem como origem familiar, territorialidade, economia, medicina e religião, narrados a partir do prisma das relações com a terra, com a agricultura e, de forma geral, com o meio ambiente.

A história indígena foi amplamente documentada ao longo das décadas por pesquisadores das diversas áreas das ciências humanas. Muitas pesquisas trazem em seu bojo os relatos de funcionários dos órgãos federais de proteção ao indígena, como o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e mais recentemente a Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Segundo Bringmann (2015, pág.206), as informações produzidas sobre os povos indígenas por parte destes organismos, oriundas de experimentos, projetos e campanhas, são fortemente influenciadas pelo contexto de sua organização administrativa e política. É necessário um especial cuidado com as análises produzidas a partir destas fontes escritas, pois, de modo geral, elas tendem a apresentar uma parte importante, porém restrita do contexto destes povos indígenas. Muitas narrativas atendem aos próprios interesses dos órgãos tutelares, não levando assim, em consideração, as próprias experiências dos indígenas como protagonistas de sua história.

Deste modo, optou-se neste TCC em utilizar a História oral como fonte principal, pois além da escassez de fontes escritas sobre a temática escolhida, considero que as narrativas orais auxiliarão no preenchimento de certas lacunas presentes na história das práticas agrícolas Guarani. Do mesmo modo, as vivências narradas pelos próprios sujeitos integrantes dos povos indígenas são imprescindíveis para compreender questões mais complexas relacionadas às suas culturas. Com isso, esta forma de produzir história, utilizando o sujeito como fonte histórica principal, faz com que detalhes importantes relacionados às vivências destes sujeitos venham à tona e complementem a lacuna deixada por uma história escrita por um terceiro e não pelo próprio indígena (BRINGMANN, 2015, pág. 207). Pela importância e abrangência que a história oral alcança neste TCC, considero importante tecer alguns comentários sobre o desenvolvimento da mesma enquanto

ferramenta metodológica no contexto da produção historiográfica mais ampla, assim como para as especificidades da história indígena.

3.1. História oral: A importante contribuição das experiências dos sujeitos como fonte histórica

A história oral como fonte de pesquisa surge em meados do século XX, fazendo parte da linha historiográfica contemporânea. Segundo Alberti (2005, pág.155) a história oral nasce em conjunto com a invenção do aparelho gravador de voz, que proporcionou a coleta de dados através de entrevistas com sujeitos pertencentes aos grupos excluídos da história tradicional escrita. Para a autora, a história oral é multidisciplinar por excelência, pois através do testemunho do sujeito, ela pode ser aplicada em diversas áreas de estudo para além da história, tal como geografia, economia, medicina, entre outras.

A estratégia de ouvir testemunhas e utilizar estes dados como fontes históricas não é exclusividade do movimento da história oral contemporânea. Para Alberti (2005, pág.156), esta forma de história já era utilizada pelos historiadores da antiguidade como Heródoto, Tucídides e Políbio. Segundo a autora, foi somente no início do século XX, entre 1918 e 1920, que a história oral aparece como método de pesquisa histórica. Dois historiadores poloneses radicados nos Estados Unidos, chamados William Thomas e Florian Znaniecki aproveitaram o movimento favorável da época, que era a busca por fontes de pesquisa fora da biblioteca e acabaram sendo os precursores do movimento de história oral contemporânea. O método foi considerado precursor devido ao fato de utilizar a gravação de áudio e vídeo, além de utilizar objetivos de pesquisa específicos como método para a captura de dados e registro de fontes.

No Brasil a história oral aparece na década de 1970, porém só atinge uma maior abrangência como método de pesquisa nos anos 1990. Em virtude da busca de uma maior expansão do conceito dentro da academia, muitos seminários e programas de pós-graduação em história passam a incorporar a história oral como parte da programação e das discussões. Com isso muitos importantes contatos entre pesquisadores nacionais e internacionais enriqueceram os debates e a troca de experiências. Portanto, esta nova forma de construir a história através da narrativa de personagens de dentro da história fez com que se ampliassem os

conceitos teóricos e metodológicos que permeiam quase que exclusivamente a forma tradicional de construção da história. Segundo Verena Alberti (2010, pág.156) desde o início do século XX, quando a história oral foi reinaugurada pelos irmãos Thomas e Florian Znaniecki, acima descritos, a maior contribuição para a narrativa histórica nestes últimos 30 anos foi o destaque dado aos sujeitos tidos como "comuns". A história oral permitiu um olhar mais atencioso às narrativas de personagens que estavam (e estão) à margem das elites político-econômicas, a exemplo de membros de comunidades quilombolas, indígenas, agricultores sem terra e trabalhadores sem teto. Desta forma se deu um melhor sentido à narrativa histórica, na medida em que a lacuna deixada pelas vertentes tradicionais, baseada em fontes "oficiais" escritas, foi preenchida pela memória destes personagens, antes excluídos da construção da história.

Desta forma a história oral é muito mais do que um simples mecanismo de coleta de informação através de uma entrevista. Segundo Carlos Bom Meihy (2006, p. 197), a História oral é um procedimento disciplinar independente, um processo de transformação de realidade capaz de trazer o sujeito narrador como protagonista de sua própria história. Para ele a história oral é capaz de transitar do passado para o presente e vice-versa, captando vozes ocultas do saber oficial, antes tido como o único e centralizador do saber principalmente através dos documentos escritos. Desta forma, o historiador deve saber que as fontes orais proporcionam a ampliação dos aportes teóricos, que, por sua vez, fornecerão amparo necessário às discussões e sistematizações das fontes para desenvolvimento da arte de pensar por meio dos testemunhos e palavras (NETO, 2012, pág.21).

A junção entre a oralidade e a documentação escrita pode ser uma alternativa eficiente para o historiador construir sua narrativa. As fontes orais contribuem para aumentar a perspectiva historiográfica e fornecer ao historiador um entendimento mais amplo dos movimentos dos sujeitos com suas lutas, sentimentos, reflexões e relações de poder. Desta forma, os relatos feitos a partir das memórias dos personagens dizem respeito às vivências destes sujeitos a quem a história escrita não consegue por si só dar conta. Não significa afirmar, no entanto, que a construção histórica a partir da memória seja superior à da fonte escrita, ou vice versa. O que se quer dizer mais claramente, é que o historiador pode criar uma rede de informações múltiplas, incluindo fontes escritas, pictóricas, arqueológicas,

entre outras, que tornará o entendimento mais claro dos relatos obtidos pelas memórias dos indivíduos (TORRES, 2012, pág. 41).

A busca por compreender o papel dos sujeitos excluídos na construção da narrativa histórica fez com que a perspectiva do sujeito indígena fosse alterada de coadjuvante para autor de sua própria história. Para Bringmann (2015, pág 209), o indígena antes visto através de um olhar de tutelado e vítima de uma história imposta pelo conquistador, passa a ser visto como um sujeito que agiu e age de acordo com a sua própria interpretação no contexto de mundo onde está inserido. Para o autor, a etnohistória, corrente presente no movimento da Nova História Cultural e em específico na Nova História Indígena, possibilita a junção entre os documentos escritos no passado e as evidências antropológicas como as narrativas históricas. Através desta junção é que o historiador pode retroagir ao passado de duas formas, por meio da memória ou pelas próprias instituições do presente que são verdadeiros arquivos de memórias do passado (BRINGMANN, 2015, pág. 211).

Não é novidade dizer que os povos indígenas têm sofrido uma violência grande ao longo de sua história. A história oral vem para contribuir e tornar público para toda a sociedade a versão da história narrada pelos próprios protagonistas. Segundo Brighenti (2015, pág.103) para entender a violência sofrida pelos indígenas é necessário, acima de tudo, entender a subjetividade e de que forma ela é sentida pelos próprios sujeitos. Vários são os tipos de violência sofrida pelas populações indígenas ao longo da história de contato. Desde a violência física, representada pelo processo da conquista através do ferro e do fogo, até a violência simbólica, onde as próprias modificações estruturais e organizacionais das aldeias causam desagregação nos modos de ser, viver e compreender-se enquanto indígenas.

A forma com que os indígenas são submetidos ao sistema capitalista de produção também é uma forma de violência, pois insere modalidades produtivas que são completamente distintas das desenvolvidas antes do contato. Na maior parte dos casos, as agências indigenistas colaboraram com esta nova sistematização da produção como bem lembra Brighenti, ao relatar as modalidades produtivas impostas pelo Departamento Geral do Patrimônio Indígena (DGPI), da FUNAI e dos Programas Agropecuários destacados por Bringmann em sua tese de doutorado. Estas ações, embora executadas entre as décadas de 1950 e 1980,

deixaram marcas que estão presentes ainda hoje em um grande número de Terras Indígenas, sobretudo no Sul do Brasil.

É importante ressaltar, porém, que existem iniciativas muito particulares por parte de diversas comunidades indígenas brasileiras, no sentido de promover um retorno às modalidades produtivas ditas tradicionais. Obviamente estas iniciativas não são suficientes para o sustento da totalidade de suas populações, nem seria este o objetivo mais amplo, mas tornam-se ações simbólicas contundentes para evitar a extinção de espécies cultivadas secularmente. Neste sentido, a memória torna-se uma ferramenta essencial para a manutenção ou mesmo para a redescoberta de espécimes cultiváveis.

Seguindo este entendimento, no próximo subcapítulo trago o exemplo encontrado na aldeia Guarani Itanhaém, descrito a partir dos relatos de duas lideranças Guarani que possuem a atribuição, dentre muitas, a de intercâmbio cultural com os não indígenas, seja através da liderança política ou da conexão de saberes tradicionais com os saberes acadêmicos. Desta forma, essas entrevistas nos proporcionarão um entendimento simples sobre questões complexas que envolvem desde a produção e consumo de alimento, manutenção da cultura e cosmologia do povo Guarani. Para isso busco relacionar o conceito de agroecologia moderna com as práticas agrícolas do povo Guarani, tentando identificar pontos de aproximação entre elas.

O fato de ter entrevistado diretamente dois membros da comunidade e indiretamente mais outros, fez com que eu me questionasse sobre a abrangência e profundidade das informações coletadas em campo e de que forma estes dados poderiam contribuir para responder a minha problemática. Porém segundo Torres, (2012, pág. 45) a quantidade de entrevistados não deve ser a preocupação do historiador, pois de certa forma um relato oral carrega marcas culturais de uma rede social, profissional e política por mais particular que esse relato possa ser. Cabe a nós historiadores, identificar estas marcas e criar uma conexão entre a entrevista e a comunidade à qual estamos pesquisando. Embora o entrevistado possa não ter estado fisicamente no evento ao qual foi questionado, ele carrega significados e juízo sobre os assuntos vivenciados por seus antepassados e desta forma a comunidade pode construir representações sociais através de trocas culturais estabelecidas em vida ou "por tabela" repetindo padrões presente em várias gerações. (POLLACK, 1992, apud. BRINGMANN, 2015, p. 216).

3.2 Estudo de campo: Tekoá Itanhaém / Morro da Palha (Biguaçu SC)

A escolha do local para a realização das entrevistas foi planejada com meu orientador seguindo o parâmetro que mais poderia contribuir para a resposta de minha problemática central. Buscávamos assim uma comunidade que possuía uma produção de alimentos própria, baseada nas técnicas tradicionais agrícolas do povo Guarani. Após a identificação de algumas comunidades em potencial para realizar a nossa pesquisa de campo, fomos tentar entender qual delas estaria mais aberta para nos receber. Para isso, estabelecemos contato direto com as autoridades de cada aldeia e de acordo com as respostas acabamos por escolher o Tekoá Itanhaém, aldeia Morro da Palha, Biguaçu (SC)

Figura 2: Vista do Tekoá Itanhaém, Morro da Palha no município de Biguaçu (SC), outubro de 2014



Fonte: Martins (2015, pág. 10)

A demarcação oficial das terras Guarani sempre foi um grande desafio para seu povo. Segundo Darella (2018, pág. 19), os principais desafios para a demarcação das terras Guarani foram primeiramente devido ao fato de, erroneamente, os Guarani serem considerados integrados à sociedade Brasileira e,

segundo, pela característica nômade de seu povo. Segundo Márcia Antunes Martins (2015, pág. 9) a aldeia Morro da Palha possui 216 hectares de extensão e fica localizada na estrada geral do Timbé Norte, município de Biguaçu SC. Somando a isso Juan Carlos Aguirre Neira (2008, pág 91) complementa que o Tekoá Itanhaém fora adquirido através do programa de medidas mitigadoras decorrentes da duplicação da BR-101 no ano de 2007 e tinha como objetivo beneficiar o grupo familiar de Timóteo de Oliveira e Luiza Benites. A aldeia Morro da Palha possui em torno de 80 pessoas entre crianças, jovens e adultos.

A chegada na aldeia ocorre por uma estrada de chão que passa no meio da aldeia e vai até a escola onde chegam os carros. Ao redor da estrada tem casas construídas de alvenaria e algumas casas típicas (sapé). Na parte central da aldeia existe um campo de futebol, plantação de eucaliptos e palmeira-real. Na imagem da figura 1, identifica-se a entrada da aldeia.

Figura 3: Foto da entrada principal de acesso ao Tekoá Itanhaém, Morro da Palha no município de Biguaçu (SC), tirada em 30 de Outubro de 2018.



Fonte: Acervo do autor

3.3 Estudo de campo: entrevistados, organização política social e liderança

Antes de mais nada a minha problemática nasceu do interesse em identificar elementos que poderiam conectar a agricultura Guarani com as práticas agroflorestais amplamente difundidas nos dias de hoje. Desta forma o meu orientador sugeriu iniciar as entrevistas com um estudante Guarani da Licenciatura Intercultural Indígena da UFSC, chamado Niko de Oliveira Verá. Em Guarani Verá significa brilho, relâmpago e relampejo. Sendo assim, Verá naturalizado em Tenente Portela, nasceu próximo ao município de Araranguá (SC), segundo contam os seus pais. Desta forma, Verá já morou em diversas localidades como Morro dos Cavalos, Massiambu, Imaruí e em Guaruva, próximo de Joinville (SC). Atualmente reside na comunidade Morro da Palha e desempenha o papel de cacique (VERÁ, 2018).

Do mesmo modo surgiu a possibilidade de entrevistar outro membro da comunidade Morro da Palha, Davi Timóteo Martins, que possui também uma ligação com a UFSC por ser egresso da Licenciatura Intercultural Indígena e, atualmente, mestrando em Antropologia nesta instituição. Martins nasceu na localidade de Linha Limeira, na Terra Indígena Xaçecó, região oeste de Santa Catarina. Martins acrescenta também que seu pai gostava muito de caminhar buscando sempre um lugar melhor para viver, desta forma quando tinha apenas um ano de idade foi morar em diversas aldeias Guarani localizadas nos territórios do Brasil e também da Argentina. Ademais segundo Martins a sua família transitou pelas comunidades de Cantagalo localizada entre os municípios de Porto Alegre e Viamão no estado do Rio Grande do Sul, comunidade Guarani de Turvo, no estado do Paraná e aldeia M'Biguaçu localizada na BR101 praia do Rosa, onde fora estudar quando pequeno. Atualmente Martins desempenha o papel de Vice Cacique da aldeia Morro da Palha (MARTINS, 2018).

A falta de conhecimento de como se processam as engrenagens políticas e sociais no interior da sociedade Guarani, fez com que eu associasse de forma errônea a figura de cacique e vice cacique como a mais alta autoridade naquela situação. Esta confusão pode ter outra origem, para além da simples desinformação por parte do pesquisador. Segundo SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO MERCOSUL, 2014 (2014, pág. 10), nas reduções jesuítico-GUARANI o cacique passou a constituir o mais alto grau de hierarquia. Segundo o autor, os padres passaram a excluir o papel do *Karáí* ou Pajé, sendo os mesmos associados a

"remanescentes do diabo" e permitindo uma apropriação da organização dos Guarani pela igreja católica.

À medida que fui avançando nas entrevistas, pude entender melhor como se dá a organização da liderança na sociedade Guarani. Para SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO MERCOSUL, 2014 (2014, pág.10) na sociedade Guarani o ancião é que possui maior expressão e respeito de toda a comunidade. Porém, esse entendimento apenas não se aplica para a escolha da liderança e para isso faz-se necessário entender como era o período antes do contato com o homem branco. Na sociedade Guarani a figura da liderança pode ser representada pelo *Xamã* (pajé) ou pelo cacique (*mboruvichá*). No entanto essas figuras para exercerem a liderança devem primeiramente possuir características como oralidade e o dom da palavra, que influenciarão muito nas questões políticas, sobretudo no que tange à manutenção da paz e coesão social numa possível guerra. Acrescentando a isso, Marcus Antonio Schifino Wittmann afirma que outros atributos como a generosidade do líder também influenciam na manutenção de sua legitimidade perante a aldeia, seja ela pela distribuição de bens produzidos por ele ou por suas mulheres (CLASTRES, 2008 apud. WITTMANN, 2012, pág 42,).

Sendo assim, a entrevista com o cacique Niko de Oliveira Verá já iniciou cheia de desafios para a compreensão de um homem branco ocidental. No momento da entrevista ainda não sabia de seu cargo, e à medida que ia lhe entrevistando, não percebi que o mesmo desempenhava o papel de cacique, pois em nenhum momento da entrevista ele deixou transparecer isso. Fui saber que ele é cacique somente quando seu irmão o identificou como cacique. Segundo Martins, a posição de cacique em uma comunidade Guarani atualmente é dada através da candidatura voluntária do membro na comunidade, portanto, qualquer um que queira pode ser cacique da comunidade e para isso não precisa cumprir pré-requisitos, exceto o fato pertencer ao povo Guarani (MARTINS, 2018).

Entender de que forma funcionam as posições de liderança para os Guarani não é o foco de minha pesquisa, tampouco a problemática que busco resolver. Entretanto, conhecer mais a fundo os mecanismos políticos e sociais dos Guarani foi de certa forma uma excelente introdução para a minha pesquisa. Com isso pude notar que o maior valor está na prática dos saberes ancestrais, estes transmitidos de geração para geração. Percebi desta forma que a liderança para os Guarani está de fato destinada aos velhos. Podemos notar em ambos os discursos de Verá e

Martins que a ancestralidade é a base da organização política social dos Guarani. Através desse entendimento, iniciei a minha pesquisa buscando compreender o papel dos velhos no sistema agrícola Guarani.

3.4 Estudo de campo: O papel dos velhos na manutenção dos saberes agrícolas

Segundo Medeiros (2006, pág.145), as histórias contadas pelos anciãos são, de certa forma, um momento reflexivo onde os membros da comunidade utilizam das experiências dos mais antigos para resgatar suas histórias e entender suas origens. Para Verá (2018), os velhos são o elo entre o passado e o presente. Segundo ele, os velhos, por terem vivido em tempos passados, onde o Guarani dependia estritamente da produção própria de alimentos para sobrevivência de sua aldeia, seja através do cultivo na roça ou através das trocas entre outras comunidades, têm um papel fundamental para a manutenção da tradição Guarani. Complementa Verá que, mesmo com a facilidade atual de comprar o alimento direto no supermercado, os velhos relembram a importância de manter viva a plantação e o cultivo dos alimentos sagrados Guarani. Os alimentos plantados dentro da comunidade, como o milho, a batata doce, o amendoim, a banana e a cana são considerados segundo suas próprias palavras "mais bons" ou seja, alimentos mais ricos e nutritivos, além de manter viva a cultura de seu povo (VERÁ, 2018).

Figura 4: Espaço para plantio na lateral da casa dos avós de Verá, com cultivo de amendoim e milho. Local: Tekoá Itanhaém, Morro da Palha no município de Biguaçu (SC), foto tirada em 30 de Outubro de 2018.



Fonte: Acervo do autor.

As sementes, para os Guarani, têm um forte significado e relevância na cultura de seu povo. Segundo aponta Medeiros (2006, pág. 66), os cultivos de alimentos verdadeiros e autênticos para os Guarani, como o milho por exemplo, desempenha um papel de destaque na mitologia de criação e renovação do mundo. Desta forma, cultivar o alimento ultrapassa a barreira do cultivo para o consumo e carrega um significado de perpetuação da história de seu próprio povo. Sendo assim, para Martins a importância dos velhos na comunidade Guarani se dá na manutenção e proliferação das sementes, que, além de gerar o alimento base para toda a comunidade, mantém vivos os costumes de seu povo. Segundo ele, os velhos são os verdadeiros "Guardiões das sementes" e assim ensinam aos mais novos a importância de conservar as mesmas (MARTINS, 2019).

Através dessa prática, as sementes são armazenadas dentro das próprias residências e farão com que os alimentos base da cultura Guarani permaneçam vivos para futuras gerações. A prática de armazenar e selecionar as melhores sementes não se restringe apenas para o uso da comunidade local. Para Martins (2018), as trocas de sementes ocorrem entre comunidades Guarani distantes, fazendo com que uma rede extensa de cooperação seja criada entre as

comunidades Guarani. Desta forma, no sistema agroecológico Guarani, as "sementes verdadeiras" desempenham um papel importante na manutenção do fluxo de energia e na reciclagem dos nutrientes. Segundo Medeiros (2006, pág. 112), os Guarani se destacam pela habilidade de adaptar suas necessidades de acordo com a potencialidade que o local permite para o desenvolvimento da sua agricultura. De acordo com o autor, além das sementes verdadeiras obtidas das trocas entre as comunidades, os Guarani também buscam alongar o raio das suas trocas, chegando a criar parcerias com agricultores locais, objetivando assim a introdução de outros tipos alimentos na sua agricultura e "Guaranizando" os mesmos, segundo sua visão de mundo.

Os movimentos migratórios na cultura Guarani desempenham um papel muito importante na proliferação dos saberes agrícolas entre as comunidades. Nesse sentido, destaca que a migração Guarani está ligada ao desenvolvimento de sua religiosidade, que por sua vez é base primordial de sua agricultura. Em face disso, Martins relata um episódio onde seu primo trouxe com ele ramas de mandioca oriundas de Chapecó, cidade localizada a mais de 700 km da comunidade Morro da Palha. Segundo ele, a rama de mandioca naquela região estava boa para o plantio e se destacava pela qualidade do alimento. Sendo assim, sua avó, ao migrar da localidade onde residia quando era mais jovem para a aldeia Morro da Palha, trouxe com ela sementes de melancia Guarani. Para isso, distribuiu entre os netos as sementes e, ao mesmo tempo transmitiu o ensinamento sobre a importância de armazenar com cuidado as sementes. Podemos assim inferir que o papel das migrações é também manter vivos os saberes da agricultura tradicional Guarani. Através deste intercâmbio, em que o Guarani transita em toda a sua vida, cria-se uma rede de cooperação que é responsável por disseminar o conhecimento ligado à religião, que por sua vez torna o Guarani um "agricultor religioso"⁶. (SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO MERCOSUL, 2014, pág. 07).

Segundo Oliveira (2005, pág. 76) a casa de reza (*Opy*), é utilizada para a valorização e manutenção das tradições Guarani, onde a comunidade e seus membros compartilham de um passado comum, o que lhes dá sentido de unidade e pertencimento a um grupo específico no presente. Para Verá (2018), a casa de reza

⁶ Segundo SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO MERCOSUL, 2014, pág.07) para o povo Guarani o sentido fundamental da migração é a religião e por consequência a base desta sua religiosidade é a própria agricultura. Ao migrar para outras regiões motivado pela sua religiosidade ele acabava por semear a mata promovendo a preservação dos locais onde transitava.

desempenha um papel vital para a manutenção das raízes culturais Guarani. Para ele, estes momentos de comunhão onde se misturam cantos, prosas e histórias são instrumentos que os mais velhos se valem de uma forma positiva para influenciar as gerações mais novas no caminho da construção de uma sociedade mais coesa e forte, capaz de vencer os desafios do cotidiano. Na concepção de Martins, estes encontros que acontecem quase que diariamente dentro da *Opy*, são momentos especiais de trocas de conhecimento entre os mais velhos e os mais novos. É neste momento que se fala sobre a importância do cultivo dos alimentos base da sociedade Guarani dentro da própria comunidade, ao invés de comprar os alimentos nos supermercados do homem branco (MARTINS, 2018).

No entanto, mesmo que os velhos desempenhem o papel de perpetuadores do modelo agrícola tradicional, na atualidade a dependência do alimento produzido fora do território demarcado da aldeia é muito presente em todas as comunidades Guarani. Segundo Verá, a comunidade Morro da Palha não é autossustentável no que tange a produção própria de alimento. Para ele, quase tudo que é consumido dentro da comunidade é adquirido fora da mesma, seja por meio de trocas entre outros Guarani, doações de terceiros, ajuda de órgãos como a FUNAI ou até compras em supermercados no município de Tijucas, com dinheiro proveniente da venda de artesanatos.

Segundo Martins, as trocas de alimentos entre as comunidades desempenham um papel importante na segurança alimentar dos Guarani. É o espírito de cooperação entre os povos Guarani que garante uma rede vital de suprimentos de forma gratuita, minimizando assim os desafios do espaço de plantar dentro do próprio território. Para os Guarani, a terra e o alimento produzido nela não é de propriedade de ninguém e, sendo assim, todos os membros da comunidade podem usufruir deste alimento, mesmo não estando na roça de seu domínio, afirma Martins.

Questões ligadas à legalidade do uso da terra demarcada também colaboram negativamente na tentativa de buscar alternativas que possam gerar uma fonte de renda para subsidiar o desenvolvimento e garantir a sustentabilidade da aldeia Morro da Palha. Embora Medeiros (2006, pág. 52) afirme que os Guarani têm uma predisposição cultural em associar o uso da terra somente para a realização do sagrado, o Guarani atual enxerga outras oportunidades para o uso da terra que podem trazer benefício para sua comunidade. Segundo Martins, o fato de

a terra demarcada ser de propriedade da união, restando para a comunidade apenas o usufruto do espaço, restringe a atuação do Guarani dentro de sua própria aldeia. Complementa Martins que caso a comunidade obtivesse a propriedade sobre a terra demarcada, poderia dela se utilizar para outros fins, como o turismo. Desta forma, poderia promover uma forma de renda para a comunidade ao mesmo tempo promovendo um maior intercâmbio entre a cultura Guarani e a do homem branco. Já para Verá, o desafio em relação à terra demarcada é o seu tamanho. Segundo ele, a comunidade tem interesse de aumentar a produção de alimentos dentro da comunidade, porém, o limite geofísico não permite avançar além das fronteiras legais da área demarcada, às quais já possuem proprietários.

Somando-se ao desafio do espaço do uso legal da área demarcada, o qual restringe a atuação dos Guarani dentro de sua própria aldeia, outro desafio se configura para a comunidade do Morro da Palha. Segundo Verá, as terras da aldeia Morro da Palha são provenientes de uma doação da união, em virtude da duplicação da BR 101. Relata ele que o terreno concedido era uma antiga área produção de palmeira real e quase toda a biodiversidade nativa de árvores fora derrubada para o cultivo desta. Martins complementa que pelo fato do plantio ostensivo de palmeira real e eucalipto, a terra é "fraca" e necessita de muito insumo para se plantar. No entanto, adquirir insumo é caro e com isso torna inviável a produção de alimento baseado numa técnica agrícola ocidental. Para ele, plantar desta forma exige uma forte preparação do solo com adubos e também o uso de maquinário pesado como tratores, os quais necessitam de grandes quantias de óleo diesel para sua operação.

Figura 5: Área sendo preparada para o plantio no sistema tradicional. No fundo nota-se algumas árvores da espécie palmeira real remanescentes do período quando eram plantadas ostensivamente

para o comércio antes da criação da TI Itanhaém. Local: Tekoá Itanhaém, Morro da Palha no município de Biguaçu (SC), foto tirada em 30 de Outubro de 2018.



Fonte: Acervo do autor

Outro desafio que está ligado ao uso do solo dentro da aldeia para a produção de alimento é a questão de como o Guarani enxerga o seu território, em especial a mata. Para os Guarani, a mata é um território sagrado, onde qualquer intervenção humana deve ser feita de forma respeitosa. Conforme Martins (2018), na cosmologia Guarani, o respeito pela mata e os seres que nela habitam são assuntos muito presentes no dia a dia, nas conversas entre membros da comunidade. Com isso, qualquer intervenção humana neste espaço, seja para cortar uma árvore na produção de lenha, seja para extrair taquara para a construção de uma casa, coletar materiais para artesanato, tudo deve ser feito sempre levando em consideração o uso da matéria prima restrita ao necessário.

Martins explica que todos os elementos da natureza possuem espíritos e, ainda mesmo que a causa seja nobre, como cortar o mato para abrir espaço para uma nova roça e garantir o sustento da comunidade, ainda assim deve-se pedir autorização para os espíritos da mata. Portanto, o ambiente da mata na cosmologia

Guarani está ligado ao sagrado e, desta forma, a intervenção neste meio ambiente é restrito. Sendo assim, percebe-se que os Guarani, diferentemente do que ocorre na sociedade ocidental em geral, não enxergam a mata como uma reserva de matéria prima que está disponível para o homem explorar indiscriminadamente (MARTINS, 2018).

Extrair alimento de dentro da mata também é um desafio enfrentado pelos Guarani. Conforme Martins, o Guarani pode obter alimentos como frutas, palmito e até carne de caça que se encontram dentro da mata, porém, deve seguir o mesmo ritual de pedir permissão aos espíritos para retirada do alimento. Primeiramente, o Guarani, ao adentrar na mata deve avisar os seres da mata suas intenções durante todo o caminho. Este aviso, segundo Martins, é feito através do uso do *petynguá*⁷ durante todo o trajeto. Além disso, o alimento extraído de dentro da mata deve passar antes pelo ritual do Nhemongarai⁸ antes de ser consumido. Seguir este ritual de respeito pelos seres da mata e os elementos da natureza garante que o alimento não fará mal para as pessoas que o ingerirem (MARTINS, 2018).

Contudo sem o milho tradicional e os demais alimentos Guarani não haveria cerimônia. Segundo Ronaldo Antônio Barbosa (2015, p.31) as cerimônias do Nhemongarai que significa consagração e batismo, ocorrem dentro das Opy (casas de reza) e contam com a participação das pessoas das comunidades e também de outras aldeias que por sua vez trazem seus alimentos para serem batizados. De acordo com o autor este momento também é utilizado para o batismo de crianças que ainda não possuem o nome em Guarani. Acrescenta ele que a produção do milho, principal alimento dos Guarani, vai muito além do cultivo para subsistência da comunidade, o cultivo do milho é sagrado e desta forma demonstra que a agricultura para os Guarani tem uma íntima ligação com a manutenção de sua cultura e práticas religiosas.

⁷ Segundo a Mitologia Guarani o *petynguá* (cachimbo) é a comunicação direta entre o Guarani e *Nhanderu* (nosso pai/Deus) (OLIVEIRA, 2005, pág. 76)

⁸ O ritual do batismo do alimento geralmente é realizado por volta do meio dia na *opy* (cada de reza). Através da condução de um Xamã, os membros da comunidade trazem o alimento para ser batizado. Após a fumaça ser soprada nos alimentos, todos mostram a sua quantia de alimentos para o Xamã que utiliza deste momento para ver o futuro das pessoas que estão participando do ritual. O Xamã através das imagens da fumaça e do tempo que chega nos alimentos revela notícias de parentes distantes, acontecimentos, previsão de doenças, mudança de lugar e também vida longa (SILVEIRA, 2011, pág.6).

3.5 Estudo de campo: Relações entre a agricultura tradicional e o sistema agroflorestal (SAF) na aldeia Guarani Itanhaém

Notadamente, a produção de alimentos está intimamente ligada à preservação do meio ambiente da mata onde reside o Guarani. Em consonância com este modo de viver em respeito à natureza é que técnicas sustentáveis como o cultivo de alimentos no sistema agroflorestal fazem parte da história e do presente dos Guarani. Sendo assim fora identificado no passado um processo consciente de enriquecimento do solo através do manejo de florestas secundárias pelos índios Kayapó. Segundo detalha Medeiros (2006 pág., 54), o Guarani dispunha de um sistema agroflorestal similar aos sistemas encontrados nos povos Kayapó da Amazônia.

A partir deste ponto podemos considerar que as roças não eram frutos do simples improviso pelos povos indígenas no passado e sim uma forma consciente de manejo e consequente instalação da aldeia próximo a estes locais com grande potencial de obtenção de alimentos. Segundo Medeiros (2006, pág.58) a roça (*cog*) é o local de manejo agroflorestal sendo que a primeira fase os Guarani cultivavam predominantemente espécies frutíferas e de fonte primária. Esta primeira fase compreendia o período de 1 a 6 anos. Já na segunda fase o Guarani cultivava plantas perenes em conjunto com os cultivos da primeira fase sendo que na sua maioria passava a ser utilizado depois de um ou mais anos conforme o tipo de cultivo. Esta dinâmica fazia com que as roças se tornassem verdadeiras riquezas para os Guarani e o meio ambiente ao seu redor. Segundo Leonel (2000, pág.236) estes locais são verdadeiros bancos de sementes, fazendas de caça, pomares de frutas, roça para mandioca e também reserva para o desenvolvimento da própria floresta.

Sendo assim podemos inferir que o sistema de agricultura tradicional Guarani possui muitas semelhanças e se aproxima muito do SAF. Desta forma faz-se interessante apontar que a aldeia Itanhaém está aplicando uma roça piloto que está sendo desenvolvida com as técnicas de um SAF. Segundo Verá (2018), esta forma de cultivo está sendo testada dentro da comunidade com a construção da primeira roça que adota as técnicas de cultivo de um SAF. Em visita ao local, Verá explica que foi escolhido determinada localidade para testar a técnica da agroflorestal, pois a mesma não apresentava potencial para a construção de uma

roça no modelo tradicional. Segundo ele, o solo era muito pobre naquela região e sendo assim tem esperança que o novo modelo em teste possa melhorar a qualidade do solo e conseqüentemente aumentar a produção de alimentos sem o uso de insumos necessários da agricultura tradicional do homem branco. Podemos, desta forma, inferir que existe um interesse consciente na busca de formato agrícola capaz de dar conta da produção de alimento necessário para satisfazer a demanda da aldeia e que, ao mesmo tempo, seja capaz de recuperar o solo degradado da região sem a adição de insumos agrícolas. Sendo assim constatamos a existência de uma proximidade entre o SAF com o interesse da comunidade pela produção agrícola neste formato.

Figura 6: Roça piloto no modelo SAF. Local, Tekoá Itanhaén, Morro da Palha no município de Biguaçu (SC), foto tirada em 30 de Outubro de 2018.



Fonte: Acervo do autor

A imagem apresentada na figura 5 é emblemática, pois, ao mesmo tempo que se observa uma roça típica do SAF, com o consórcio do milho e do feijão,

adubada com os restos orgânicos da floresta (serapilheira), ao fundo, observa-se a mata de eucaliptos remanescente do período anterior à presença Guarani na área. No entanto mesmo sendo o sistema agroflorestal uma forma sustentável de produção de alimentos que diminui consideravelmente a demanda de insumos como o adubo e o uso de maquinário pesado, o sistema não é autorregulado e demanda a intervenção constante do agricultor.

Figura 7: No fundo filho de Verá brincando em meio a horta piloto no modelo SAF. Mais perto uma muda de feijão cercado por mudas de batata doce e milho Guarani. Local: Tekoá Itanhaén, Morro da Palha no município de Biguaçu (SC), tirada em 30 de outubro de 2018



Fonte: Acervo do autor

Dessa forma finalizo a minha pesquisa de campo com esta incrível imagem que é capaz de responder muitos dos meus questionamentos que motivaram a realização desse trabalho. A imagem 7 é capaz de reunir três aspectos importantes relacionados aos desafios da produção de alimentos enfrentados na atualidade pelos povos Guarani. Um primeiro aspecto que podemos extrair desta imagem diz respeito à resistência do povo Guarani frente aos desafios enfrentados pela limitação de seu território na TI demarcada. A restrição de seu território traz com ele

um grande desafio de tornar estes espaços mais produtivos ao ponto de atender as demandas da comunidade por alimentos tradicionais Guarani produzidos pela própria aldeia. Terras muitas vezes "pobres" por necessitarem de um cuidado especial para se tornarem produtivas, como é o caso encontrado na aldeia Morro da Palha. Um segundo aspecto que podemos associar a esta imagem é adaptabilidade do povo Guarani frente aos novos desafios que surgem. Com isso o fato de possibilitarem a implementação de uma horta piloto no sistema SAF mostra que os Guarani são um povo capaz de responder de forma rápida aos desafios impostos pela limitação dos seus espaços através da busca por novas ferramentas. Por fim o último aspecto evidenciado nesta imagem é o respeito pela ancestralidade. O Guarani é um povo que manteve suas técnicas agrícolas por milênios. Eles foram capazes de transmitir os saberes agrícolas de geração para geração e de alguma forma foram responsáveis pela resistência e a manutenção de sua própria cultura frente à pressão externa exercida pelos homens brancos. O Guarani é um povo que se orgulha de seu modo de viver e assim como temos aprendido na atualidade a importância do desenvolvimento sustentável, este povo há muito tempo carrega com ele a sintonia entre produção de alimentos, reverência aos ancestrais e a proteção do meio ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos grandes desafios impostos pela sociedade moderna, os povos Guarani têm se mostrado resilientes e capazes de manter firmes suas práticas culturais tradicionais. Com a agricultura os desafios são ainda maiores pois o território Guarani, que antes compreendia um vasto campo agrícola que compreendia territórios do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai, agora se restringe em poucas áreas oficialmente demarcadas ou na maioria dos casos, áreas não reconhecidas nas quais as pressões ainda são maiores. Como afirma Darella (2002, pág.97). O que mais se têm ouvido entre os Guarani é a busca por terra boa, como demonstra a frase “*Ore roipota yvy porã*” (“Nós precisamos de terra boa”) e isto demonstra o desafio enfrentado pelos Guarani para manter o seu formato tradicional de agricultura.

Pode-se observar com a realização desta pesquisa que os novos modelos agrícolas sustentáveis, como o SAF, trazem uma nova perspectiva e uma aproximação com a agricultura tradicional Guarani. Ambos os modelos, em nossa visão, se mostram convergentes em diversos pontos. Conforme Medeiros (2016, pág.112) o Guarani tem a habilidade de buscar técnicas agrícolas de outros povos e com o SAF não têm sido diferente. Os Guarani da aldeia Morro da Palha têm visto muito sentido na aproximação com o SAF, pois para eles este sistema é uma alternativa principalmente aos desafios da falta de "terra boa" herdada na criação da TI.

Não se pode negar, no entanto, que atualmente os Guarani do Tekoá Itanhaém não possuem uma autossuficiência na produção de sua própria alimentação, precisando buscar diversos produtos fora de sua aldeia. Embora os Guarani da aldeia Morro da Palha tenham a dependência por mecanismos externos para manter a segurança alimentar de seu povo, existe uma preocupação maior por manter a tradicionalidade de sua agricultura e dos saberes transmitidos de pai para filho.

Segundo as fontes levantadas neste estudo os Guarani há muito tempo já desempenharam um sistema agrícola com os elementos do sistema agroflorestal moderno. Embora este formato tradicional de agricultura Guarani tenha se perdido no tempo devido às pressões externas principalmente no que tange a redução de seu território, existe um forte interesse da comunidade Guarani na busca de uma

aproximação com o sistema agroflorestal. Sendo assim promover um intercâmbio entre os dois formatos de agricultura podem contribuir muito para o desenvolvimento sustentável das comunidades locais e contribuir para um mundo mais sustentável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Fontes Oraís. História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi,(org.). Fontes Oraís. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202. 2010

ALVES, Raimundo Nonato Brabo. Características da agricultura indígena e sua influência na produção familiar da Amazônia, Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2001.

ASSIS e GARLET - Análise sobre as populações Guarani contemporâneas: demografia, espacialidade e questões fundiárias - Revista de Índias, vol. LXIV, núm. 230. ISSN: 0034-8341. 2004.

BARBOSA, Ronaldo Antônio. Agricultura Tradicional Guarani. Trabalho de conclusão de Curso de História, Centro de Filosofias e Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. 2015.

BRIGHENTI, Clovis Antônio. Povos indígenas em Santa Catarina. Etnohistória, História Indígena e Educação: contribuições ao debate / Ana Lúcia Vulfe Nötzold, Helena Alpini Rosa, Sandor Fernando Bringmann, orgs. - Porto Alegre: Palotti, 2012.

BRIGHENTI, Clovis Antonio. L Colonialidade do poder e a violência contra os povos indígenas. Revista PerCursos. Florianópolis, v. 16, n.32, p. 103 – 120, set./dez. 2015.

BRINGMANN, Sandor Fernando. História ambiental e migrações: diálogos / Organizadores Marcos Gerhardt, Eunice Sueli Nodari e Samira Peruchi Moretto. – São Leopoldo: Oikos; Chapecó: UFFS, 2017.

DARELLA, Maria Dorothea Post. Territorialidade e Territorialização Guarani no Litoral de Santa Catarina. Tellus, Campo Grande - MS, v. 4, n.6, p. 79-110, 2004.

DARELLA, Maria Dorothea Post (Org.) ; RAMO Y AFFONSO, A. M. (Org.) ; GUEROLA, Carlos M. (Org.) ; MELO, C.R. (Org.) ; COLOMBERA, Ana C. (Org.) . Tape Mbaraete Anhetengua Fortalecendo o caminho verdadeiro. 01. ed. 2018.

DEAN, W. A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DELLA MEA, Alex; FREITAS, Vânia Maria de Oliveira de; CAMARGO, Maria Aparecida Santana. Elementos Culturais dos Índios Guarani no Rio Grande do Sul. XVI, Seminário Internacional de Educação no Mercosul.

FALCÃO, Joaquim. Mundus novus: por um novo Direito Autoral. Revista Direito GV, [S.l.], v. 1, n.2, p. 229-246, jun. 2005. ISSN 2317-6172. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/revdireitogv/article/view/35240>>. Acesso em: 12 Jun. 2019.

FALKNER, R. The Paris Agreement and New Logic of International Climate Politics, 2016.

FLORES, Murilo Xavier; DE SOUZA SILVA, José. O futuro sem fome. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Brasília: Embrapa _SPI, 1994.

GOODMAN, D.; SORJ, B.; WILKINSON, J. Da lavoura às biotecnologias. São Paulo: Campus, 1990.

GÖTSCH, E. O renascer da agricultura. Rio de Janeiro: AS-PTA, 1996.

HOEHNE, F.C. Botânica e agricultura no Brasil no século XVI: pesquisas e contribuições. São Paulo: Ed. Nacional, 1937.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. História da Agricultura na Amazônia: da era pré-colombiana ao terceiro milênio / Alfredo Kingo Oyama Homma. – Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003.

IFPRI. Reshaping the Global Food System for Sustainable Development. International Food Policy Research Institute, Washington, D.C. 2016.

IFPRI. Green Revolution: Curse or Blessing? International Food Policy Research Institute, Washington, D.C. 2002.

LAURA, V,A; ALVES, F, A; ALMEIDA, R,G. Sistemas agroflorestais: a agropecuária sustentável - Brasília : Embrapa, 2015.

LEONEL, Mauro. O uso do fogo: o manejo indígena e a piromania da monocultura. Estud. av., São Paulo , v. 14, n. 40, p. 231-250, Dec. 2000 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142000000300019&lng=en&nrm=iso>. access on 12 June 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142000000300019>.

LEVIS, C, Costa, FRC, Bongers, F et al. (150 more authors) (2017) Persistent effects of pre-Columbian plant domestication on Amazonian forest composition. Science, 355 (6328). pp. 925-931. ISSN 0036-8075. Disponível em: <<https://doi.org/10.1126/science.aal0157>>. Acesso em: 10 Junho. 2019.

LINS, Juliana. Terra Preta de Índio: uma lição dos povos pré- colombianos da Amazônia. Revista Agriculturas: experiências em agroecologia, 2015.

MANDYCK, J.M & SCHULTZ, E.B. Food Foolish. The hidden connection between food waste, hunger and climate change. 2nd Edition. U.S, Carrier Corporation. 2015.

MARTINS, Marcia Antunes. A Arte Guarani no Espaço Escolar. Trabalho de conclusão de curso de licenciatura intercultural indígena do sul da mata atlântica, Departamento de História, Centro de Filosofias e Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC. 2015.

MDGR. The Millennium Development Goals Report. United Nations (UN), Department of Economic and Social Affairs. New York, U.S. 2015.

MEDEIROS, Jean Carlos de Andrade. Restabelecendo um tekoá pelos índios Guarani Mbya: Um estudo de caso da aldeia Yakã Porã - Garuva (SC). Dissertação de mestrado em agroecossistemas, Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC. 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da história oral : O caso brasileiro. **Revista da História**, USP, 155, 2º, 191- 203, 2006.

MELLO, F.C. Aata Tape Rupy. Seguindo pela estrada: Uma investigação dos deslocamentos territoriais realizados por famílias Mbyá-Guarani no sul do Brasil. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2001.

MONTEIRO, John Manuel. Tupis, tapuias e historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo. 2001. 233f. Tese (livre-docência) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281350>>. Acesso em: 4 Janeiro. 2019.

NAIR, P.K.R. Agroforestry systems in the tropics. Kluwer: Dordrecht, 1989.

NEIRA, Juan Carlos Aguirre. Ocupação e Gestão Territorial de Indígenas Mbyá - Guarani: Análise a partir da formação da aldeia Itanhaén, em Santa Catarina - Brasil. Dissertação de mestrado em agroecossistemas, Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC. 2008.

NETO, Regina Beatriz. Historiografia, diversidade e História Oral: questões metodológicas. História oral, desigualdades e diferenças / organização: Robson Leverti... [et al.] - Recife : Ed. Universitária da UFPE : [Florianópolis/SC] : Ed. da UFSC.2012

OLIVEIRA, Diogo. Nhanderukueri Ka'aguy Rupa – As florestas que pertencem aos deuses Etnobotânica e Territorialidade Guarani na Terra Indígena M'biguaçu/SC. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2009.

PIRES. Vinicius. Idealização, Exaltação e degeneração da natureza e dos habitantes dos habitantes do Brasil nos relatos dos viajantes europeus durante o século XVI e início do século XVII. In: PORTUGAL, Ana Raquel / HURTADO, Liliana Regalado. – 1. ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p.84-115.

RAMOS, Polyana Rafaela. Povo Tapirapé: práticas agrícolas e meio ambiente no cotidiano da aldeia Tapi'itáwa.– Cáceres/MT: UNEMAT, 2014.

ROSA, Helena Alpini. A trajetória histórica da escola na comunidade Guarani de Massiambu, Palhoça/SC – um campo de possibilidades. Dissertação de mestrado em História Cultural - Curso de pós graduação em História, Centro de Filosofias e Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC. 2009.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO MERCOSUL (16: 2014: Cruz Alta) Anais do XVI Seminário Internacional de Educação do Mercosul, XIII Seminário Interinstitucional, IV Cursos de Práticas Socioculturais Interdisciplinares, III Encontro Estadual de formação de professores e I Mostra de Trabalhos Científicos PIBID de 25 a 27 de agosto de 2014 – Cruz Alta: UNICRUZ, 2014.

SOUZA, Ana Hilda Carvalho et al. A relação dos indígenas com a natureza como contribuição à sustentabilidade ambiental: uma revisão da literatura. Revista Destaques Acadêmicos, [S.l.], v. 7, n. 2, jun. 2015. ISSN 2176-3070. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/destaques/article/view/465>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

SOUZA, José Otávio Catafesto de. O sistema econômico nas sociedades indígenas Guarani pré-coloniais. Horiz. antropol., Porto Alegre , v. 8, n. 18, p. 211-253, dez. 2002 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832002000200010&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 12 jun. 2019.

TORRES, Antônio. Travessias e desafios. Historia oral, desigualdades e diferenças / organização: Robson Leverti... [et al.] - Recife : Ed. Universitária da UFPE : [Florianópolis/SC] : Ed. da UFSC.2012

UNEP/IFA. Environmental Aspects of Phosphate and Potash Mining. United Nations Environment Programme and International Fertilizer Industry Association (IFA), Paris. 2011.

WRAP. Estimates of Food and Packaging Waste in the UK Grocery Retail and Hospitality Supply Chains. Waste and Resources Action Programme. London, UK. 2013.

WITTMANN, Marcus Antonio Schifino. Os Guarani e os Outros: Organização Social e Trocas Culturais no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Trabalho de conclusão de Curso de História, Centro de de Filosofias e Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2012.

Fontes orais:

MARTINS, Davi Timóteo. As práticas agrícolas dos Guarani do Tekoá Itanhaén / Morro da Palha (Biguaçu): História, cosmologia, cultura, territorialidade e sua relação com o Sistema Agroflorestal. Entrevista concedida a Robson Madalosso Vieira. Florianópolis (SC). 2018

VERÁ, Niko de Oliveira. As práticas agrícolas dos Guarani do Tekoá Itanhaén / Morro da Palha (Biguaçu): História, cosmologia, cultura, territorialidade e sua relação com o Sistema Agroflorestal. Entrevista concedida a Robson Madalosso Vieira. Florianópolis (SC). 2018

Anexo – Questionário da entrevista com as lideranças

Entrevista Niko de Oliveira Verá

Robson - Queria que tu me dissesse o teu nome completo em português e em Guarani.

Verá - Meu nome é Niko de Oliveira Verá, em Guarani já é Verá.

Robson - E qual é o significado do teu nome Verá.

Verá - Têm significado de brilho e é quando relampeja, relâmpago essas coisas, brilho e significado assim..

Robson - Qual a sua comunidade de nascimento?

Verá - hum..Como é?

Robson - A comunidade de nascimento, onde tu nasceu?

Verá - Eu nasci, fui naturalizado em Tenente Portela, mas os meus pais me disseram que eu nasci aqui em Santa Catarina mesmo perto de Araranguá.

Robson - Quais as comunidades que você morou e mora atualmente?

Verá - Já passei a morar em Morro dos Cavalos, já passei a morar Maciambú, já passei a morar em Imaruí, que eu também já passei a morar em Guaruva, e perto do município de Joinville.

Robson - E atualmente tu mora?

Verá - Agora eu to morando na aldeia Morro da Palha.

Robson - E agora falando da tua aldeia atual, qual o número de habitantes que têm?

Verá - Em torno de 80 pessoas, tanto criança, jovem, adultos.

Robson - Tu pode falar um pouquinho da organização política da Aldeia?

Verá - Então, a gente vive ali, cuidando, a gente tem uma equipe da saúde que vai para atender, a gente tem uma, dentro da aldeia tem uma escola, por feita pela secretaria da educação, a gente é, a gente vive dentro da aldeia mas só que sempre vêm a Funai sempre vem apoiar e ajudar, é claro que a gente têm também que procurar a Funai para ajudar, eles inclusive também não aparecem não muito nas aldeias, então mesmo é assim, é claro que a gente, pra a gente tá buscando as coisas a gente tem que sair de fora da aldeia e no município mais perto que é no município de Biguaçu então todas as coisas que a gente precisa procura a gente tá saindo nesse município que é Tijucas mais perto e também o município de Biguaçu que é o município da aldeia.

Robson - o que que é essas coisas que vocês precisam, que você comenta?

Verá - é claro que é pra tá saindo buscando alimento também e pra levar nosso artesanato para venda, e também para tá fazendo deslocamento para outras aldeias, tipo pra sair, pra visitar ou simplesmente para levar artesanato.

Robson - e que tipo de alimento que se costuma comprar fora da aldeia?

Verá - hoje em dia a gente compra quase tu já, mesmo tendo a nossa plantação dentro da aldeia, a gente compra, o que é, quando a gente planta, a gente compra nosso alimento também, mas a gente compra até roupas essas coisas, o que a gente precisa, a gente compra ferramentas essas coisas, o que a gente precisa, hoje em dia a gente tá comprando quase tudo também..

Robson - Sim, sobre a escola ali, tu comentou sobre a escola, qual o tamanho, quantas crianças?

Verá - têm, alunos? alunos tu diz?

Robson - isso

Verá - Alunos têm em torno de 30 alunos, do ensino fundamental até o ensino médio e a EJA, que hoje tá sendo e também só estudantes têm 30 alunos.

Robson - Verá, sobre um panorama ambiental da aldeia de vocês, que tu vive?

Verá - A gente têm uma aldeia, com matas, é, um lugar legal para ser plantado, para fazer uma plantação, e uma aldeia foi comprada por, uma aldeia comprada por indenização da duplicação da BR. então dessa forma.

Robson - Essa parte da roça aí fica dentro da mata? ela fica separa assim?

Verá - A gente faz dentro da aldeia a nossa plantação, fora da aldeia não da para fazer porque já é uma, já de outro vizinho, de outra pessoa, ai já não dá, mesmo querendo fazer uma plantação maior, ou plantação específica mais para nós, a gente tenta fazer a nossa plantação dentro da aldeia, porque é uma aldeia já é comprada, é comprada, já têm limitação daí não dá para passar então a gente tá sempre respeitando o limite e então a gente não tá fazendo fora da nossa aldeia a gente não tá fazendo plantação e só algumas coisas que a gente trouxe material para fazer artesanato, essas coisas que a gente trouxe, como é difícil de não ter, é difícil de a gente encontrar dentro da terra indígena mesmo, do território, aí a gente procura trazer, fora da aldeia, as vezes até para construção de uma casa, a gente tá trazendo com a ajuda de os nossos parentes a gente trás de outras aldeias, então dessa forma a gente tá fazendo.

Robson - Mas vocês têm algum alimentos que vocês tiram de dentro da mata? ou vocês só plantam e o que compra?

Verá - A gente só costuma plantar mais, a gente não tenta tirar de dentro da nossa aldeia, porque na nossa aldeia têm uma mata, mas só que não têm muitas frutas ainda o que têm mais é fora da nossa aldeia, a gente só tenta fazer a plantação dentro da aldeia mesmo, hoje a gente tá plantando com ajuda do pessoal de fora, que trás, leva um pomarzinho, as vezes a Funai leva para lá para a gente tá plantando ali para futuramente a crianças, a nova geração usufruir, comer, essas coisas..

Robson - E tu diz ali que ainda tu não têm plantação dentro da Floresta

Verá - Eu digo de floresta mesmo não têm, agora de plantação de aquele de batata doce, de comer mesmo, para consumo da aldeia, a gente tá sempre plantando, cada ano a gente tá plantando mas só, aquele agroflorestal mesmo a gente não tá fazendo.

Robson - Entendi, mas vocês pretendem fazer?

Verá - sim sim, a gente tá querendo fazer, porque é uma área que foi uma fazenda de fez só plantação de só palmeira real, onde plantava palmeira real para vender fora dali, para vender no comércio alí de biguaçu ou da Tijucas então por isso existe, têm algumas plantação de palmeira real, aí a gente quer tirar um pouco essas todas plantas de palmito, e plantar mais algum pomar.

Robson - A idéia é plantar aumentar a área com planta de consumo?

Verá - uhum, Sim.

Robson - Isso é uma prática já tradicional de vocês assim, de plantar dentro da mata essas árvores frutíferas, isso já vem de tempo já ou é algo recente agora?

Verá - Eu acho que, não tenho certeza mas acho que meus avós já plantavam isso, claro que algumas já existiam, antigamente existe tudo na mata, hoje em dia é que é mais difícil, mas acho que já plantão também, hoje em dia a gente é mais motivados replantar né, trazer algumas mudinhas, fazer plantação, mas acho que já era plantado assim também.

Robson - E daí só para finalizar então, qual o papel dos velhos na tua comunidade em relação a esses valores agrícolas tradicionais.

Verá - Para eles é muito importante para não deixar de se esquecido, é importante para a gente manter essa nossa plantação, eles viveram com plantação deles, fazendo, é difícil mesmo a gente comprando a alimentação de fora eles tão sempre querendo fazer a alimentação da nossa cultura, a alimentação tradicional como eu diria, então eles preferem mais isso, então eles acham que é mais importante é porque nós tendo essa nossa plantação de todos os tipos, de alimentos, a gente tem, hoje em dia a gente tem milho, batata doce, amendoim, a gente têm, esqueci, banana, cana, a gente têm ainda esse tipo de alimento, eles não quer que a gente esqueça porque é mais bom que o de fora da aldeia.

Entrevista Martins Timócio Martins

Robson - Qual o seu nome, primeiro em Guarani e depois em português?

Martins - Meu nome é Verá né, Guarani Verá, português é Davi Timócio Martins, nome do meu pai e da minha mãe.

Robson - e o que significa Davi, o nome Verá.

Martins - Verá fala que é o..quando dá esses.. tá relampejando, esses trovão tá dando em cima do céu, esse brilho, é o Verá né, é o brilho que tá dando assim, daí o, tá dando esses barulhos assim junto, a gente fala que é os espíritos que estão caminhando né, em cima, e tirando as coisas mal da terra, então esse é o Verá, que tá, esse brilho que têm, dá se o barulho, por isso que a gente fala que quando está acontecendo isso todo mundo tem que ficar quieto né, calmo, quieto, escutando o que está, os espíritos estão passando no céu.

Robson - Tu nasceu nesta comunidade, não né, de onde é tu vêm?

Martins - Eu vim da linha limeira né, fala que lá em Chapecó..

Robson - lá do lado de Nonoai..

Martins - é têm uma terra lá que é a Terra indígena Chapecó onde mora os Kaingangs, e do lado mora os Guarani, eu nasci na linha limeira, na barra né, que é onde que fica o lado que pertence aos Guarani, daí desde pequeno eu saí quando eu tinha uns, tinha acho que um ano de idade, dois anos acho que acabei saindo de lá.. daí meu pai caminhava muito né..caminhava..procurando um lugar melhor assim para a gente viver, daí a gente passou passou, moremos em várias aldeias aí, daqui nós fomos pra, de lá nós fomos pra, pro Rio Grande do sul, onde tinha as comunidades também, Guarani, passemos lá pro outro lado da Argentina, moremos um pouco lá, assim viemos vindo, Brasil, até chegemo em Santa Catarina, daí e volta né, fizemos a volta, e chegemo alí no Canta Galo, aquela região lá, mim, turvo, onde que hoje é aldeia né, antigamente o era aldeia assim, era um, por causo que o pessoal moravam num, na beiras de estradas né, então, ou algum lugar que tinha mato, daí , morava, fica alí, tanto que a gente não conhecia aldeia, terra demarcada. não tinha esse conhecimento, porque ninguém estudava na época..

Robson - Nunca foi né Martins! não foi desta forma..

Martins - Não, nunca foi né, por isso que, hoje nós temos em terra, morando na aldeia assim, mas nunca tivemos aldeia para nós morar, daí chegava lá, os Dioá, os brancos chegavam, expulsavam nós né, alí é minha terra! tinha que sair daí, noutra, hoje que a gente começa a lutar um pouco mais porque a gente começou a estudar e ver que tinha leis que diziam isso, mas antes não tinha escola, não tinha nada..é..eu estudei em várias escolas, um pouco branca, um pouco indígena, pra lá pra cá e foi indo..tanto que eu não tinha..hoje nós temo escola aqui...mas é antes nós não tinha..até chegar daí..fazer toda essa volta..daí voltei morar de volta em chapecó de volta..mas dessa vez eu fui morar na terra Kaingang, por causa que..na época quando comecei a estudar aqui, estudei em Biguaçu na aldeia, uma outra aldeia de Biguaçu..comecei a estudar lá, daí tinha até a 4º série só, dentro da aldeia, não tinha mais nada, daí eu peguei, fui, estudar na escola branca né..mas daí tinha muito preconceito alí, a gente era indígena né..daí minha mãe descobriu que tinha uma terra Kaigang lá em Chapecó, que tinha o ensino fundamental e o ensino médio né..daí nos peguemo e, fomos embora para lá..foi estudar lá com os meu irmão..daí lá eu concluí o ensino médio, comecei a dar aula, fazer faculdade também, até chegar aqui que daí fui convidado pelo cacique velho né..para vir morar pra cá, pra mim dar aula.. daí hoje eu tó aqui..trabalhando já faz 10 anos

Robson - Desde quando começou né, 2007?

Martins - É um ano depois eu, quase já to aí, depois do início, não tinha nada aqui né..nós temos eu e minha mulher, professora também..

Robson - Tu é formado em licenciatura?

Martins - É eu sou formado em licenciatura, fazendo agora mestrado em antropologia alí na UFSC também, estou me formando agora, vamos ver..até em Fevereiro, se tudo der certo eu me formo.

Robson - (Risos) é uma batalha né pra se formar né?!

Martins - É

Robson - Se tu puder me falar Martins assim a relação dos Guarani com os elementos da natureza, como é que vocês vêem essa parte?

Martins - então, pra nós é, a gente tem bastante respeito né assim, pelas coisas a gente fala, a gente fala muito ligado a cosmologia né, que hoje é pouco comentado, falado nas escolas, até porque a gente não têm uma disciplina sobre cosmologia, seria interessante ter, por causa que, vamos por exemplo, tu vai cortar uma madeira, vamo supor um mato, a gente sabe que têm espírito, todas as coisas têm espírito, desde um rio, de uma água, uma árvore, qualquer coisa ela têm espírito, então, vc tem que respeitar isso né, a gente fala que tem que respeitar, porque você não vai lá cortar todos, ah vou cortar e vou deixar, tu vai cortar para utilizar para alguma coisa, se não você nem cortar né, deixa ali então, for pra, a taquara vamos supor, tu vai cortar pra você utilizar para você fazer alguma coisa, vai lá no mato cortar um pau pra flecha, você vai utilizar pra flecha, se não vai cortar tudo e deixar tudo lá, precisa de um lugar para fazer uma roça, claro, se vai lá e corta mas é para o sustento da família, da comunidade, por isso a gente pede autorização que a gente fala né, que a gente acredita que tem os seres no mato, então quando a gente sai, por exemplo, você tem que pedir autorização.

Robson - Quando tu sai?

Martins - É quando tu se está indo no mato, tem que pedir, por causa que o, têm os seres que tão ali, inclusive você tá indo, começa a fazer barulho eles se incomodam também, seres da natureza se incomodam, tem vários, eles se incomodam com você, eles podem jogar algum tipo de doença em você, você não está respeitando eles também, você tem que ir com cuidado, pedir permissão que está indo, o, to indo tal, fazer isso, cortar essa madeira porque eu preciso disso tal..se não eles jogam algum tipo de doença em você, você tem que ir respeitando, têm o uso do Petengúá também, você vai no mato fumando pra dizer que tá indo, é uma coisa como se fosse avisando né,

Robson - Petengúá?

Martins - O cachimbo né, daí você vai avisando que tá indo em algum lugar..é a mesma coisa aqui você, comprimenta as pessoas, conversa, você fala que tá chegando em algum lugar se vai tem que né, você não vai chegar gritando! se você nem conhece ninguém, se vai respeitando também, é igual eu falei da chuva, quando tá chovendo, a gente respeita muito assim, fica em silêncio, quieto, não fica gritando, é proibido uma criança pegar uma fralda, pulando, saindo na rua, assim, até mesmo os giruá né, os branco mesmo sabe que, se tu vê um, meio que começa um tempo feio, tempo feio assim como a gente fala, todo mundo se assusta né, vê como é que é.. escutando..a gente não, a gente fica escutando assim.. mas quando dá um temporal assim feio, as crianças, dificilmente vão para a escola, dificilmente vão para escola aqui, ficam em casa, os pais não deixam também ir, na escola, geralmente vem os professores eles vêm fazer outras atividades, mas os alunos..os pais não deixem, tem que ficar quieto né, respeitando os espíritos o que tá acontecendo, então ou vai na casa de reza, "na purca", reza, então essa que é..

Robson - Tu falou um negócio interessante né, a minha esposa sempre conta que a mãe dela não deixava ela ir pra aula quando tava..e não conhece sobre esse, essa cultura né, mas respeita né..

Martins - Sim é um respeito pequeno que..é igual na água, na água é a mesma coisa, têm o também ser da água, você tem que ter respeito por eles também..quando eu fiz o meu trabalho..conclusão de curso eu fiz sobre a infância né, e daí quando eu comecei a pesquisar os mais velhos, a gente não é conhecedor de tudo, a gente, quem conhece mesmo é são as pessoas bem velhas assim, que já conhecem, viveram muito tempo,

sabem das coisas, daí eu tava pesquisando, falando, daí nisso também eu descobri que a gente sabe muito por histórias assim as pessoas ficam contando, falando, daí, quando eu fiz o meu trabalho eu comecei a pesquisar sobre várias coisas que aconteciam e tal, tem uma coisa importante assim, que as pessoas falaram pra mim, os mais velhos falaram foi do cuidado das meninas com a água, quando as meninas estão na fase de menstruação, coisa assim, elas têm que respeitar, não pode pisar no chão, os espíritos estão no chão, na água, você não pode pisar na água, por que os espíritos estão na água também, então é uma coisa bem interessante, até a minha menina tava passando na época de fase, de moça, eu aprendi para mim mesmo e aprendi para o próprio trabalho que eu tava fazendo, então, é uma coisa assim que a gente, parece que para as pessoas não têm muito importante, mas para nós é extrema importância isso né..

Robson - Tá e tu falou alí Martins da questão de tu pedi permissão para tirar alguma árvore, e na questão do alimento dentro da floresta.

Martins - então daí, a mesma coisa acontece, tu vai cortar por exemplo um palmito, ou uma guavirova, algum alimento que tenha no mato assim, agente não pode só chegar e comer né o alimento, só chegar lá tirar e comer, não você tem que chegar, principalmente as crianças, eles têm que ir lá e trazer, e os mais velhos tem que rezar por aqueles alimentos, que agente fala que o Nhemongaraí, o batismo dos alimentos, só que é um batismo, não é um batismo, a gente fala que é uma reza, antes de se comer, vai buscar coco no mato, as piazada gosta de buscar coco quando têm, eles têm que trazer, se passado para os mais velhos, ou pai ou a mãe, rezado por aquele alimento para não fazer mal a criança né.

Robson - Não come lá?

Martins - Não não pode comer, tem alguns sapeca que comem né, mas daí eles ficam doentes, por isso que agente fala que dor de barriga, dá várias coisas assim que os brancos falam assim que dão, mas se é rezado não, daí não acontece esse tipo de doença né, a gente fala que os espíritos ele têm, nem todos os espíritos são bons, né, têm muitos espíritos infeliz, eles não gostam de serem incomodados, então vai lá, tu já tá tomando alguma coisas deles, então, né, vai lá sem permissão, como são crianças eles não sabem ainda, os mais velho não, eles já sabem pedi lá, pedi permissão e tudo, os novo não, eles vão lá e pegam e tiram,mas só que eles têm que trazer passar por isso pra fazer, mas tem muitas crianças que não fazem isso daí as vezes acabam ficando doentes né, daí, tem que curar daí o Caraé, que é um pagé tudo pra rezar, mas tem que fazer desta forma então claro, qualquer alimento que tu for buscar, o palmito no mato, têm que fazer essa, fazer essa, geralmente é fumar Petenguá, cachimbo, daí ele é, para espantar as toda as coisa ruim que têm, pedindo permissão da forma correta de comer aquele alimento e tudo, daí depois as crianças podem comer.

Robson - Tá e Martins assim, e o Guarani ele chega a plantar dentro da Floresta para depois colher? existe isso? ou só o que tá lá na floresta? existe assim uma disseminação de árvores frutíferas assim que é o, tu vai plantar lá no meio da floresta para depois ter mais alimentos? existe isso?

Martins – Olha é comum as vezes, de alimento quase que eu não vi, falar de se levar e plantar assim dentro lá da floresta mas levar para uma comunidade para outra comunidade é levada, mas se for levar dentro da floresta mesmo..o que é mais levado é a semente pra fazer artesanato..colar.. alguma coisa que não tem na região, ai sim é plantado dentro da floresta, mas geralmente, ah esse negócio de coco, é plantado também..você leve e você planta, mas assim outro produto que eu não sei qual seria.. é..eu acho que.. que eu saiba assim não..planta lá no mato assim..

Robson – Planta mais na parte da roça mesmo?

Martins – É planta mais na..não no mato, mais sim ao redor então, aí sim é plantado.

Robson – Ao redor do mato?

Martins – é ao redor do mato, em alguns lugares é plantado assim.. um tipo de semente é plantado..remédios principalmente são plantado também, ou são trazidos e plantados perto da casa ou lugares que são mais próximos assim, geralmente é assim..

Robson – Qual seria o papel dos mais velhos em relação a cultura agrícola?

Martins – então, eu acho que ele são, agente fala que são os que guardam as sementes, falam que são os guardião das sementes, aqueles que cuidam das sementes, nos agora que estamos ficando mais velhos agente também já estamos começando a cuidar das sementes, começa a guardar as sementes, os mais novos geralmente não guardam né, só comem ali..

Robson – ah existe um lugar para guardar é isso?

Martins - Não..nós guardamos dentro a gente fala..pra explicar como é que é..mas também a semente..

Robson – A semente mesmo??

Martins – é a semente mesmo assim, é guardado..

Robson – onde é que é guardado??

Martins – Guarda na casa mesmo assim. guarda na casa e deixa pendurado em algum lugar ou quiser guardar dentro para outro ano..

Robson – Pra plantar noutra ano?

Martins – Isso, no outro ano você tem de volta ali, ou dá pra outra pessoa, que as vezes não tem a semente, ou que vem morar na comunidade e não têm, ou se tu vai passear em algum lugar a pessoa pergunta você dá ou eles pedem..geralmente tu sabe o que um pessoa ou outra planta então troca né..mas por exemplo trouxemos um ramo de mandioca lá do Major..não tinha..tinha mas tava muito feio..pedimos eles trouxeram, veio la de Chapecó, lá da limeira, fomos num primo meu lá..pedimos e ele trouxe..então..porque eu sabia que lá tinha um rama boa de mandioca..então você faz essa troca..cuida da semente né..e quando eu cheguei na época aqui para morar.. minha avó trouxe a..nos morávamos lá no Caserão..não tinha casa, daí ela trouxe..minha vó é a mesma do Nicko..nascemos juntos..daí ela mora aqui também.. ela chegou e trouxe..nós melancia pros meus filhos..melancia Guarani.. ela disse.. agora você guardam essas sementes para vocês plantar ano que vem.. só esse ano que eu vou dar para vocês.. depois vocês plantam! Faz a horta de vocês..então daí a gente já começa a guardar as sementes...eles falam para a gente..vocês comem e depois vocês me dá as sementes então..porque eles sabem que os mais novos não vão guardar.. jogam fora né! Daí os mais velhos..várias vezes nós comemos melancia daí os meus filhos trouxeram de volta dai deram pra ela guardar as sementes..então..eles guardam eles têm mais cuidado..agora a gente tá começando a apreender a..pela idade que a gente vai vendo..vai começando a guardar a semente..tendo esse cuidado assim de guardar a semente.. mas o..o milho por exemplo..o milho Guarani..teve época que ele foi, na nossa região que foi quase perdido..teve que fazer um grupo de pessoas ir até para outras comunidades, outro estados, buscando mais milho

diferente.. a gente já tinha se acabado por causa da terra.. só que a terra as pessoas não tavam perdendo já um pouco de plantar o milho mesmo..só os mais velhos plantando..os mais novos só querendo comer..e foi acabando perdendo..perdendo assim que eu digo..perdendo a diversidade que têm..tem vários tipos de milhos e..foi se perdendo assim..daí..teve palestras com os mais novos também..com a gente..pra ter esse cuidado os mais velhos..falando a importância de se cuidar do milho de falar porque que se tem que cuidar do milho, daí o pessoal hoje em dia a gente já começa a ter esse cuidado maior assim..como professor eu falava para a escola..e os mais velhos são os conhecedores que a gente fala que..que é o nosso google..nossa biblioteca..mas é muito explicado na casa de reza..os cuidados que tem que ter..e porque guardar o milho..então assim falando..e tal a gente fala que um dia a gente vai chegar lá..a ter essa sabedoria.. esse cuidado..a cana de cacho também..nao essa outra cana..já viu essa cana de cacho?

Robson – Não conheço essa cana! Como é que é essa cana

Martins – Igual a um capim assim.. só que daí ela dá um cachinhos assim com várias sementinhas..daí..é a cana Guarani né..

Robson – É doce?

Martins – é bem verdinha assim..então você come e você guarda a semente né! você guarda e depois você planta..é mais difícil das pessoas terem..mas aqui na comunidade têm..eu na minha roça não plantei esse ano..os bixo comeram tudo..tem bixinho que comem..tem que cuidar deles..acabam comendo..coisa que é levado de uma aldeia pra outra né..

Robson – Mas não pega as sementes de fora das aldeias não? Pega as sementes de outros locais que não seja entre os Guarani? Isto Existe?

Martins - Pega, pega, hoje vem a Funai traz um pouco de semente, até nós temos um pouco de semente que a Funai trouxe, tentou trazer, mas não este transgênico né, eles trouxeram um pouco de milho crioulo, e um milho que eu não sei qual que é, eu acho que é o milho Guarani também que eles conseguiram um pouco, que é colorido né, milho colorido, daí o, mas quando não têm, quando acaba se perdendo, a gente têm pouco, daí é plantado outro, o crioulo né.

Robson – Tu falou agora sobre o milho Guarani, eu vi uma foto no google e fiquei interessado, como é que é esse milho, ele é todo colorido né!?

Martins - Ele é todo colorido..

Robson – Esse é o Guarani?

Martins – não, tem vários tipos de milho Guarani, tem o colorido né, têm um que é só vermelho, têm um milho que é pequenininho, milho de criança que a gente fala que é o milho igarapé. Que ele dá bem pequenininho assim, que é para criancinha mesmo, daí eles mesmo plantam, vão colher também, ele não dá grandão, tem vários.

Robson – já aprende a plantar né?

Martins - Já vão apreendendo a plantar, têm milho de pipoca também, têm vários tipos assim, você olha assim, tem desta universidade, acaba apreendendo, as vezes a comunidade planta só um tipo, outra só outro, e daí vai acabando perdendo daí, por causa das terras que vai tendo, daí não vão conseguindo fazer.

Robson – Pelo tamanho você diz?

Martins – Não, a gente não é de plantar um monte assim, é de plantar pouco assim, então, planta para você, família comer pra comunidade comer, a roça que a gente faz, a roça está lá, se os outros quiserem comer pode ir lá comer também, eles vêm pegam, avisam, tá bom milho lá se quiserem pegar pode ir lá, quem não plantou vai lá pegar.

Robson – É livre então

Martins – é livre, as pessoas geralmente pedem né, chega e pede pra você você vai lá e colhe, não é que a gente fala que vai lá roubar, lá o vai roubar, não a gente não têm, entre nós não têm problema, se os outros quiserem pode pegar, só que ninguém vai mexer na tua roça né, pode tá lá um monte de melancia, mas tem que pedir, tem que dizer eu quero, então pode ir lá pegar lá, ou se a gente vêm, na reunião na comunidade, eu quero ir lá pegar melancia, tem alguns que não gostam né, os mais velhos principalmente não gostam por causa das crianças as vezes vão gritando, quebram, pisam em cima, não pode também mulher que ta menstruada, estragam várias coisas né, acabam estragando, ou murchando assim, então as pessoas preferem ir lá tirar, os donos ir lá tirar.

Robson – Tira e dá

Martins – É tira e dá, ou se não chamam o pessoal, os mais velhos para ir lá tirar assim, e quando é roça que você planta milho pequeno, você manda as crianças mesmo ir lá pegar que daí eles vão lá e pegam né.

Robson – E existe troca, tu falou das sementes, e de alimentos, existe a troca entre as comunidades? Tipo aqui a gente tá com bastante milho aqui, daí a outra comunidade vêm pra pegar, isto existe?

Martins – existe também, existe essa troca, a gente não fala de alimento, de semente né mas de alimento, é esses dias eu fui para Biguaçu e eles me deram 2 sacos de milho, pra cozinhar, porque lá eles tavam colhendo né, e nós plantamos tarde né, eles plantaram cedo então o deles já estavam boa já, já colheram, já estão, já fizeram o Guarani, que é feito o ritual para batismo dos alimentos né, pra comer, e daí agora vão fazer o novo plantio de novo, e nós agora, agora que fizemos plantação né, então nós vamos colher lá no meio de janeiro né, final de Dezembro vamos colher o milho, eles vão, daí que eles estar com o milho, mas existe né, mandioca também o pessoal vem na nossa comunidade pegar, as outras comunidades tem gente que vem pegar, igual com o Major, eles trazem as vezes lá mandioca, batata, então a gente vai lá buscar, banana também, tem aldeia que planta mais, então a gente fala que não só de alimento, como taquara, em Biguaçu.. esses tempos eles vieram para buscar taquara, pra fazer Atura (CASA DE REZA), lá a taquara deles tava nova, não tinha, tava pequeno, então, a nossa taquara estava boa para cortar, então eles vieram aqui, pegaram, para fazer a Atura (CASA DE REZA), então, também têm essa troca aí, a gente fala

Robson – Um vai se ajudando

Martins – É um vai se ajudando o outro, no que precisar vai fazendo..

Robson – Então não existe um comércio em cima? Isto não existe..

Martins – Pra vender, em dinheiro,, monetário eu acho que não, acho que mais ainda existe uma troca, do que vende, não sei, chegar a comprar assim..

Robson – E hoje é auto suficiente essa comunidade em termos de alimento ou tem que comprar fora?

Martins – não, tem que comprar fora, comprar bastante alimento fora, até porque a terra é muito fraca né, inclusive a gente já tentou plantar bastante mas, precisa de muito insumo né, preparação e, a gente tentou plantar desde o início e não deu nada né, você começa a plantar, o milho tá bonito e vai e morre, tem vários lugares, tem lugares que são bons, você vai e daqui há uns anos já são outro tipo de solo, né então, nessa comunidade é muito barro, chove assim fica todo..daí é plantado só nos morros, que é plantado, nós temos hoje o trator aí, que foi ganhado de uma organização que a gente pediu, mas a gente não tá conseguindo fazer muita coisa, por causa do insumo né, daí hoje nós não estamos conseguindo..

Robson – O insumo o que é?

Martins – O insumo é esse adubo né, primeiro têm que adubar bem a terra né, a gente já plantou mas a terra é muito seca né, é muito, não é uma terra boa, daí, nós já fizemos uns tipos de pesquisas, o pessoal já vieram, pesquisaram e falaram que a terra não é boa, foi plantado muito palmito né, e esse eucalipto, aí estragou muito a terra, não estamos conseguindo, inclusive no futuro tentando algum tipo parceria, EPAGRI, prefeitura, porque financiamento a gente não consegue também, porque como é terra indígena, não é nossa terra, terra é da união, a terra é do governo, e a maioria das coisas para conseguir um financiamento, algum recursos você têm que ter a sua terra de troca né, e daí nós não temos para garantir, nós não temos como fazer isso, então a terra é nossa mas ao mesmo tempo não é nossa, você não pode fazer nada com essa terra, então daí fica complicado né, nós estamos tentando fazer aí, vamos ver, o pessoal aí, têm alguns professores aí na universidade, já entraram em contato, pra gente tentar fazer algum tipo de trabalho aí, envolvendo a agroflorestal, nós já fizemos aqui um pedaço, pra trabalhar a agrofloresta né, pra ver como é que vai funcionar, pra ver se conseguimos melhorar o solo né, mas sabe daí que eles vieram e fizeram, mas daí foi dado o insumo, dado tudo, então vai dar, nos outros lugares nós não vamos conseguir fazer né!

Robson – Mas o conceito da Agrofloresta é que você cria o seu próprio insumo né.

Martins – Isso, é para criar o próprio insumo né!

Robson – Para recuperar a terra..

Martins – Isso, só que para isso têm que já ter uma plantação boa primeiro né, começar a plantar, porque se tu plantar e só plantar assim sem nada, numa terra que não é fértil, você não vai dar nada né, daí então, num pedaço que eles fizeram alí, tá dando mais ou menos certo, porque a gente fala que foi bem adubada né, daí quem sabe no futuro pode dar alguma coisa né, mas têm vários lugares aí que dá para fazer, mas não adianta você ir lá e virar a terra e plantar e não dá nada né, daí só vai ter hora de trator aí, diesel que você vai gastar e não dar em nada, gente já tentou fazer isso.. diferente de uns lugares, aqui em baixo têm várias plantações né, daí nos ficamos pensando..nós com um trator aí, nós podemos fazer um monte de plantação, mas daí quando a gente começou a ver, não é assim né.. eles vão né..têm um monte de insumo, todo ano, daí dá boa né!, mas se planta aí não dá.. da nada e é muito caro, cara tentamos comprar mas é muito caro.

Robson: Essa agricultura tradicional demanda ai que muito insumo, né? Dai poder recuperar a terra e i..

Martins: No início nós queria fazer isso né? Colocar bastante insumo e daí colocar pra tentar fazer que a gente mesmo produzisse, né? Produzisse.. transformar essa própria Terra em fértil, né? Já tivemos algumas ideias, mas o fazer... o fazer a serragem... fazer

tudo... o que dá pra fazer. Mas neste lugar aqui tem que preparar primeiro pra depois fazer . Mas ainda o pessoal planta. Mas um dos objetivos, é transformar a aldeia em autossustentável. já pensou na aldeia ser autossustentável? Não precisar de insumos. Não precisar comprar nada de fora era bem

Ate seria umas outras coisas, como o arroz, coisas que vem de fora. Que a gente sabe que não faz parte da nossa cultura, mas que agora faz. A gente se alimenta disso também.. seria o arroz.. como sendo lugar de água.. Mas a gente não está conseguindo fazer muito não.

Robson: Qual o principal desafio? Mão de obra não é né? Que vocês têm, né? Seria o conhecimento? De como fazer?

Martins: Seria o conhecimento, como fazer e o recurso pra você ter né?

Robson: Pra dar o ponta pé inicial?

Martins: Isso... ponta pé inicial. Começando o inicial... Daí depois tocaria pra frente.. o primeiro ano, segundo ano...

Robson: Capacitaria as pessoas...

Martins: É.. capacitar, pra ver como se faz e tudo e depois transformaria. Bem na verdade, tem tudo pra ser sustentável, né? Mas do jeito que tá, se não consegue fazer, mesmo você tendo um trator, você não consegue fazer, né?

Robson: E Martins... e a aldeia ela é aberta, então pra receber um auxílio de fora neste ponto. Totalmente aberto?

Martins: Não... é sim é totalmente aberto.

Robson: Esse intercâmbio

Martins: Se tivesse como... Tinha uma época que tinha um cara que trabalhava na EPAGRI que fazia uns trabalhos, uns projeto ai.que estava dando certo. Mas ele acabou falecendo, daí ninguém mais apareceu. Ele vinha... Fazia mais de um ano.

Robson: Mas era agroflorestal.

Martins: Não. Era plantação de outras coisas, de mudas frutíferas. Que a gente plantava mas, morria. Não sabia porque que morria. Daí ele veio pra ensinar como que fazia. Tinha um projeto da FUNAI que eles vinham e entregavam, mas não davam capacitação nenhuma. Só vinham e deixavam aqui. Daí a gente plantava, daí tinha que ter vários cuidados, de como fazer e tal. Daí quando estava na metade, daí ele acabou falecendo e não deu mais.

Robson: Bacana Martins! Bem legal as informações! Obrigado né? Pela sua disponibilidade, né? Posso divulgar isso tudo que tu falou?

Martins: Pode, pode! Quando estiver com o tcc pronto, pode vir e comer aqui!

Robson: Eu quero comer mesmo!